

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

GI SELA HAUBERTH DE LIMA

JARDIM LINDÓIA

Nossa história, nossas memórias

Porto Alegre

2019

GISELA HAUBERTH DE LIMA

JARDIM LINDÓIA

Nossa história, nossas memórias

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Regina Bertotto

Porto Alegre
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Reitor Rui Vicente Oppermann
Vice-Reitora Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
Diretora Karla Maria Muller
Vice-Diretora Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
Chefe Samile Andréa de Souza Vans
Chefe Substituto Rene Faustino Gabriel Junior

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA
Coordenadora Ana Celina Figueira da Silva
Coordenadora Substituta Márcia Bertotto

CIP - Catalogação na Publicação

Hauberth de Lima, Gisela
Jardim Lindóia: nossa história, nossas memórias /
Gisela Hauberth de Lima. -- 2019.
85 f.
Orientador: Márcia Regina Bertotto.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia,
Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Memória Coletiva. 2. Lugar. 3. Bairro. 4.
Memórias. I. Bertotto, Márcia Regina, orient. II.
Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciências da Informação
Rua Ramiro Barcelos, 2705
Bairro Santana
Porto Alegre - RS
Telefone (51) 33085067

GISELA HAUBERTH DE LIMA

JARDIM LINDÓIA

Nossa história, nossas memórias

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Museologia.

Aprovado em de de 2019

Banca Examinadora:

Profa. Dra. MÁRCIA REGINA BERTOTTO – UFRGS - Orientadora

Profa. Dra. ANA CELINA FIGUEIRA DA SILVA - UFRGS

Profa. Dra. JENIFFER CUTY – UFRGS

*Aos meus sobrinhos Cláudia e André para que busquem
sempre o caminho do conhecimento e da informação.*

*Àqueles antigos moradores do bairro, que em muito
contribuíram para sua construção.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai (*in memoriam*), que me ensinou a ler.

À minha mãe (*in memoriam*), que sempre me incentivou a estudar.

À minha irmã pelo apoio que me dá.

À minha orientadora Profa. Dra. Márcia Bertotto, minha admiração, respeito, estima e pela paciência em aguardar meus atrasos e compreensão pelos momentos críticos quando não conseguia finalizar ou fazer como deveria ser um capítulo.

A todos moradores, cujos depoimentos, documentos e fotografias antigas do bairro foram fundamentais para a realização deste trabalho: Elizabeth Martha de Oliveira, Geraldo Sambrano, Henrique Sambrano, Jorge Cláudio Trindade, Lair Stein, Leonel Friedrich, Luiza S. Krolikowski, Luiz Bandeira Oliveira, Mara Schiefelbein, Marelise Magalhães, Olinda Schiefelbein, Paulo Dihl, Pedro Squeff, Renato Stumpf, Rolf Dieter Schmidt.

Aos meus amigos, que compreenderam que abdicar da diversão é importante quando se tem um objetivo a cumprir.

Aos colegas que fiz e que não têm ideia do significado deles em minha vida nesta trajetória.

Às Professoras, membros da banca, agradeço pelo tempo dedicado à leitura e pelos comentários, no sentido de aprimorar o trabalho.

A todos os professores do Curso de Museologia, pela oportunidade e qualidade dos conhecimentos transmitidos, que fizeram com que eu me apaixonasse pelo curso fazendo-me descobrir um novo mundo e, do quanto isso foi importante nessa fase da minha vida o que fez com que eu me sentisse renascida e pronta para começar como se fosse o início de minha vida profissional.

À UFRGS, pelo ensino público e gratuito; seu corpo docente, direção, administração e funcionários, que me deram a oportunidade de conviver dia após dia na universidade, ampliar minha visão de mundo e meus conhecimentos.

Meu bairro

"O que é meu bairro? A palpitação desse espaço íntimo que nos proporcionou nascer e viver. Essa pequena porção de terra onde desfrutamos nossos êxitos ou padecemos nossos fracassos. Pequeno canto em que vimos crescer nossos melhores amigos. Ali onde amamos pela primeira vez, talvez sem dizer à mulher que não chegou a ser nossa esposa, porém que volta, às vezes, a perfumar nossos sonhos. O lugar de onde saíram, para sempre, a mãe ou o pai, ante o silêncio recolhido e respeitoso de seus vizinhos ou o lugar para onde trouxemos, recém-nascido, o filho ou a filha que nos encheu de ternura. Esse é o bairro!

A vida, porém, te tirou dele em algum momento, mas ele sempre permanecerá em ti. E, se mesmo distante regressares um dia, sentirás renascer em ti tudo aquilo como parte de uma etapa de tua vida, a mais feliz e inesquecível.

É no bairro que se criam as mais duráveis relações. O bate-papo sobre a cerca rústica; o remédio caseiro para o mal-estar inesperado; a dor repartida ou a satisfação coletiva. É, também, o lugar adequado para as confissões secretas em busca do conselho oportuno ou do consolo necessário.

Por isso, e por muito mais coisas devemos fazer do nosso bairro um recanto de paz, um jardim, um lugar de solidariedade e ternura. Só que para isso, teremos de lutar"

Enrique Núñez Rodríguez (Escritor Cubano)

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de pesquisar como se deu a implantação do Bairro Jardim Lindóia, situado na zona norte de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, desde o seu surgimento no início da década de 1950, até em torno de 1975. Analisa como era a região no passado recente, sua transformação, as mudanças ocorridas e que continuam ocorrendo no bairro com a substituição de suas antigas moradias pelos edifícios e casas comerciais e qual o impacto desta verticalização para seus mais antigos moradores. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os moradores mais antigos do bairro e seus descendentes, além da análise de fotos e recordações ao longo de sua permanência naquele local. Inclui revisão bibliográfica sobre a história da cidade e do bairro; pesquisa em fontes documentais em algumas instituições de forma a reconstruir a história do bairro e a execução de levantamentos de campo com registros fotográficos, de plantas e mapas. O embasamento teórico do trabalho utiliza os conceitos de lugar, bairro, memórias e memória social, dialogando com diversos autores: Milton Santos, Henri Lefebvre, Michel De Certeau e Pierre Mayol, Pierre Nora e Krzysztof Pomian e Maurice Halbwachs. Ressalta que apesar de muitas mudanças terem ocorrido na tipologia e nos hábitos do bairro e vários daqueles primeiros moradores já terem se afastado do convívio dos vizinhos antigos, ainda levam na memória a lembrança dos anos iniciais do ambiente e sua convivência no lugar. Conclui que os bairros tendem a se transformar a medida em que crescem e os hábitos e as relações de vizinhança a se alterar se não houver fortalecimento daquele vínculo afetivo e de pertencimento entre seus habitantes com o lugar.

Palavras-chave: Lugar. Bairro. Memórias. Memória Coletiva. Jardim Lindóia/Porto Alegre/RS

ABSTRACT

This paper aims to investigate how the neighborhood JardimLindóia located in the northern area of Porto Alegre, Rio Grande do Sul, was implanted from its inception in the early 1950s until around 1975. It also analyzes how was the region in the recent past, its transformations, the changes that have taken place and continue to occur in the neighborhood with the replacement of its former homes by buildings and commercial houses and what impact this vertical integration has on its older residents. Semi-structured interviews were conducted with the oldest residents of the neighborhood and their descendants as well as the analysis of photos and memories during their stay in that place. This study includes literature review on the history of the city and the neighborhood; research in documents sources in some institutions in order to reconstruct the history of the neighborhood and perform field surveys with photographic, plant and map records. The theoretical basis of the work uses the concepts of place, neighborhood, memories and social memory, dialoguing with several authors: Milton Santos, Henri Lefebvre, Michel De Certeau and Pierre Mayol, Pierre Nora and Krzysztof Pomian and Maurice Halbwachs. Although many changes have occurred in the typology and habits of the neighborhood and several of those early residents have already moved away, they still remember the early years of the environment and their living in the place. It concludes that the neighborhoods tend to change as they grow and neighborhood habits and relationship change if there is no strengthening of that affective and belonging bond between its inhabitants and the place.

Keywords: Place. Neighborhood. Memoirs. Collective Memory. Jardim Lindóia/Porto Alegre/RS

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Enchente de 1941, zona inundada de Porto Alegre	20
Figura 2 - Traçado esquemático geral da Vila do IAPI	20
Figura 3 - Croqui: Vias de conexão iniciais de Porto Alegre	21
Figura 4 - Avenida Assis Brasil em 1959	22
Figura 5 - Ônibus da Empresa Eliziário	24
Figura 6 - Ônibus “Apolo 11” da Empresa Eliziário	24
Figura 7 - Planta de implantação da Vila do IAPI e equipamentos urbanos	25
Figura 8 - Conjunto Residencial Vila do IAPI	26
Figura 9 - Planta parcial da zona norte. Vila IAPI e principais loteamentos e indústrias ao longo da Av. Assis Brasil entre 1930-1955	27
Figura 10 - Projeto da Vila Operária das Indústrias Renner	28
Figura 11 - Fábrica de Tintas Renner na Avenida Assis Brasil em 1955	29
Figura 12 - Fábrica de Tintas Renner	29
Figura 13 - Fábrica de Tintas Renner em 1960	29
Figura 14 - Vista aérea Metalúrgica Mattarazzo na Avenida Assis Brasil/1960	30
Figura 15 – Vista aérea Avenida Assis Brasil/Matarazzo/Tintas Renner	30
Figura 16 - Fábrica Fogões Wallig	31
Figura 17 - Shopping Bourbon Wallig	31
Figura 18 - Planta inicial do loteamento do Bairro Jardim Lindóia	32
Figura 19 - Praça Libaneza	33
Figura 20 - Projeto do loteamento do Bairro Jardim Lindóia - 1951.....	35
Figura 21 - Primeiras moradias do bairro	40
Figura 22 - Residência na Avenida Quito, 58	41
Figura 23 - Residência na Travessa Antilhas, 65	41
Figura 24 - Residência na Avenida Quito, 106	42

Figura 25 - Residência na Avenida Quito, 94	42
Figura 26 - Residência na Travessa Antilhas, 110	42
Figura 27 - Residência na Travessa Antilhas, 33	42
Figura 28 - Residência na Praça Libaneza, 113	43
Figura 29 - Residência na Rua Paulo Bento Lobato	43
Figura 30 - Carro do Povo Revenda de automóveis Volkswagen.....	45
Figura 31 - Figueira da Avenida Panamericana	46
Figura 32 - Quadro emoldurado da Ata de Fundação do Lindóia Tênis Clube	47
Figura 33 - Fachada do prédio do Lindóia Tênis Clube	49
Figura 34 - Construção inicial da sede do Lindóia Tênis Clube	49
Figura 35 - Edifício no 2º pavimento	49
Figura 36 - Milton e Ceci Magalhães	50
Figura 37 - Alceu Squeff	50
Figura 38 - Casal não identificado	50
Figura 39 - Jerônimo e Sônia Santos	50
Figura 40 - Grupo do bairro na Festa Junina	51
Figura 41 - Carros alinhados para a largada da gincana	53
Figura 42 - Chegada de um participante	53
Figura 43 - Tarefa da gincana	54
Figura 44 - Tarefa da gincana	54
Figura 45 - Medalha da gincana	54
Figura 46 - Milton Magalhães e filha	54
Figura 47 - D. Olinda em uma tarefa	55
Figura 48 - Gládis Friedrich e filho em uma tarefa	55
Figura 49 – Tarefa: Corrida do Saco	55
Figura 50 – Tarefa: Estoura Balão	55
Figura 51 – Tarefa: Abertura da Cancela	55

Figura 52 - Müller e filha participando	55
Figura 53 - Bicicletas na gincana	56
Figura 54 - Início das corridas - largada	59
Figura 55 - Corredor pronto para largada	59
Figura 56 - Torcida pelas duplas.....	60
Figura 57 - Ultrapassagem na reta	60
Figura 58 - “Amigos do Lin”- 1ª farofada	62
Figura 59 - Eles também foram	62
Figura 60 - Mapa atual do Bairro Jardim Lindóia	63
Figura 61 - Edifícios na Rua Caracas	65
Figura 62 - Edifícios na Praça Libaneza	65
Figura 63 - Pizza Hut na Praça Libaneza com Avenida Montreal (...)	65
Figura 64 - Praça Libaneza – residência em demolição	65
Figura 65 - Residência Travessa Antilhas, 110	66
Figura 66 - Residências atuais na Travessa Antilhas esquina [...]	66
Figura 67 - Residência em demolição na Avenida Panamericana	66
Figura 68 - Construção padrão Pavel no local da residência demolida	66
Figura 69 - Outra vista da construção	66
Figura 70 - Construção finalizada: nova Farmácia Panvel	66
Figura 71 - Sede original do Lindóia Tênis Clube	67
Figura 72 - Entrada atual do Clube	67
Figura 73 - Acesso principal da sede original do Lindóia Tênis Clube	68
Figura 74 - Alterações na fachada sede original	68
Fgura 75 - Alterações na fachada sede original	68

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 NO CAMINHO QUE LEVA ÀS PRAIAS, SURGE A ZONA NORTE	19
2.1 Loteamentos e Indústrias	23
2.2 O Loteamento Jardim Lindóia.....	31
3 MEMÓRIAS DO BAIRRO	36
3.1 Primeiros Moradores e Suas Residências	39
3.2 Nasce o Lindóia Tênis Clube.....	45
3.3 As Festas Juninas	49
3.4 As Gincanas.....	52
3.5 Nossa Infância no Bairro	56
3.6 Corridas de Bicicleta na Praça.....	59
3.7 Memórias do Lin e Reencontros	61
3.8 Passado e Presente de um Típico Bairro Residencial	62
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS.....	76
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA	79
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO	80
APÊNDICE C – QUADRO DOS AUTORES	81
ANEXO - EMAILS ENVIADOS E RECEBIDOS.....	83

1 INTRODUÇÃO

Jardim Lindóia é o nome de um bairro da zona norte de Porto Alegre. Surgiu por volta de 1950, quando a capital se expandia para o norte, com a implantação de algumas indústrias para aquela região distante do centro.

Arno Friedrich¹, corretor e empreendedor, prevendo tendências desta expansão, adquiriu uma chácara de quase 76,8 hectares, que na época era uma área onde só havia árvores e um tambo² de leite. O intuito do empreendedor era lotear e construir um bairro residencial. Deveria contar com terrenos e infraestrutura. Alguns anos após sua implementação, a união dos poucos moradores, que no início por lá foram morar, fez com que os outros melhoramentos urbanos, como iluminação pública e transporte coletivo, chegassem ao local. Santos (2006, p.223) argumenta que “O fenômeno humano é dinâmico e uma das formas de revelação desse dinamismo está, exatamente, na transformação qualitativa e quantitativa do espaço habitado.”

Minha família e eu mudamos para o bairro por volta de 1954, em função da proximidade com a Fábrica de Tintas Renner, local onde meu pai trabalhava. Assim, me tornei moradora do bairro desde os meus primeiros anos de vida e lá permaneci até 1986.

Foi neste "lugar" que descobri o mundo. Lugar como pensa Santos (2006, p.223) “[...] pode estar relacionado ao seu lar, perpassar à sua vizinhança, sua cidade, região e nação. [...] pode ser concebido enquanto memória, pois com a mobilidade, o lugar se torna como quadros de vida.”

Descampado, horizonte infinito, uma casa aqui outra ali, grandes figueiras, vertentes, cavalos e zebus³ passeando soltos entre as residências, bugres e ciganos, mato de "pitangueiras" e “maricás” e cercas de arame farpado, onde as ruas terminavam, demarcando os limites do bairro. Festas juninas na rua, com fogueira e carreta de bois de canga e muitas, muitas brincadeiras ao ar livre e pelos arredores. Este era o bairro da minha infância.

Ali fiz meus primeiros amigos e comecei a estudar. Aos seis anos, o primário, na Escola Estadual Dom Diogo de Souza (o primeiro estabelecimento de

¹ Arno Luiz Friedrich: (*Venâncio Aires 1913/+ Porto Alegre 1976)

² Tambo: estábulo para a ordenha de vacas. <http://www.aulete.com.br/tambo>

³ Zebus: nome vulgar do *Bos indicus*, gado bovino, originário da Índia, que se diferencia dos bovinos europeus, principalmente pela presença de uma corcova sobre o dorso.

ensino fundado na zona norte, em 1939) no outro lado da Avenida Assis Brasil e, com onze anos, após exame de admissão, ingresso no Colégio Estadual Cândido José de Godói, no Bairro Navegantes, onde cursei o ginásio e o científico.

Nos meados da década de 1970, ainda moradora do bairro, quando já cursava Arquitetura, vi que o bairro pequeno, formado exclusivamente de moradias unifamiliares térreas, e de dois ou três sobrados, quando se sabia o nome de todas as ruas do bairro e se conhecia todos os moradores, começou a sofrer modificações em suas características arquitetônicas e em seus valores ambientais, devido a crescente renovação, às demolições e às novas construções, típicas do desenvolvimento urbano.

Foi quando senti a necessidade de registrar o bairro, através de fotografias, antes que ele se descaracterizasse e nada mais sobrasse daquele simpático e acolhedor lugar, que mais parecia uma cidade do interior, dos bons anos de minha infância e juventude. Registro este, tantos anos adiado, que em 2014, foi finalmente colocado em prática, por inspiração das disciplinas realizadas com a Profa. Dra. Lizete Dias de Oliveira, principalmente "Informação e Memória Social" do início no curso de Museologia e dos livros já publicados sobre Memória dos Bairros, pelo Centro de Pesquisa Histórica da Coordenação da Memória Cultural da Secretaria Municipal da Cultura da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, nos anos de 1993 até 2003.

Assim, o presente estudo se propõe a pesquisar a implantação e formação deste bairro - Jardim Lindóia - na década de 1950, até em torno de 1975 (ano, aproximado, em que começam as obras viárias para ligação da Avenida Panamericana com a Avenida Sertório), bem como apresentar seu loteamento inicial, seus primeiros moradores, suas lembranças e histórias. Além disso, propõe-se a analisar as mudanças ocorridas no bairro nestes primeiros trinta anos, após sua formação e como isso afetou, se afetou, seus mais antigos moradores, a partir do questionamento:

- a) Quais são as lembranças e histórias que carregam os moradores mais antigos sobre o Bairro Lindóia?
- b) Se e de que forma os impactos das mudanças arquitetônicas (verticalização e descaracterização) ocorridas no bairro ao longo desses anos afetaram as relações de pertencimento e a organização da vida social?

Procurando responder a essas questões, este estudo tem como objetivo geral, **reconstruir a história da implantação do bairro a partir das memórias de seus moradores**. E como objetivos específicos: 1) identificar o quanto da parte mais antiga do bairro foi modificada arquitetonicamente; 2) analisar o impacto das intervenções imobiliárias e as transformações do espaço; 3) refletir sobre a influência destas intervenções nas relações da comunidade e no sentimento de pertencimento.

A escolha do tema e da realização desta pesquisa tem a intenção de apresentar como se deu a formação do bairro Jardim Lindóia em Porto Alegre, pelo significado que tem para minhas memórias pessoais e para a comunidade lindoiana mais antiga.

Ao atravessarmos as cercas de arame farpado, que serviam como limite para o final de algumas ruas como a Avenida Montreal, a Avenida Quito e a Avenida Panamericana com a Avenida La Paz, nos sentíamos exploradores. Do outro lado, uma grande extensão de terra e mato sem vista sequer de alguma habitação. Brincávamos de faroeste, fantasia sugestionada pelo “Bonanza”⁴ seriado de televisão da época. Memórias que tenho dos bons tempos de infância e da juventude passadas no bairro.

Portanto, assim como eu, outros moradores, que vivenciaram aquele mesmo tempo, terão uma história para lembrar e os mais novos saberão como a formação do bairro aconteceu. Sob tais aspectos podem-se reconhecer os acontecimentos passados e ainda conservar as informações que nos são relevantes à rememoração. Pois, de acordo com Le Goff (2003, p.476) “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”.

Em referência à originalidade da pesquisa, ainda não existe publicação sobre o Bairro Jardim Lindóia, a exemplo de outros bairros da capital. No entanto, embora o assunto sobre “Memória dos Bairros” não seja inovador, sobre este bairro específico será, pois se pesquisou sobre o crescimento e desenvolvimento de uma

⁴ Bonanza: seriado de televisão de western exibida na emissora de televisão americana NBC na década de 1960 até 1970. Sucesso de televisão em popularidade e longevidade. Narra a saga de um rancheiro viúvo na defesa do seu rancho *Ponderosa*, no estado de Nevada (localizado na região das Montanhas Rochosas, oeste dos EUA). Disponível em: <http://www.jws.com.br/2019/04/memoria-da-tv-bonanza/>. Acesso em: 12 abr. 2019.

parte da Zona Norte a partir da Avenida Assis Brasil e a implantação de muitas indústrias naquela que era uma área afastada da cidade, no momento de sua criação. Exemplos de pesquisas sobre bairros podem ser apontados nos trabalhos acadêmicos de Miranda (2013) e Teixeira (2017) que abordaram a expansão urbana e espacial da cidade de Porto Alegre.

A metodologia empregada nesta pesquisa visa atender o objetivo geral e os específicos. De abordagem qualitativa - exploratória e descritiva - se realizou através de observação em campo, análise documental, pesquisas em arquivos, museus, jornais da capital e do jornal do Lindóia Tênis Clube e, ainda, entrevistas semiestruturadas (Apêndice A), aplicadas pela pesquisadora.

Na abordagem qualitativa, segundo Minayo (1993), se inserem as entrevistas tipo histórias de vida e semiestruturadas, que serão significativamente importantes na pesquisa. História de vida é uma entrevista em profundidade que retrata as experiências vivenciadas por pessoas, grupos ou organizações, onde o pesquisador interage com o informante. As entrevistas semiestruturadas combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. Embora o pesquisador siga um conjunto de questões previamente definidas, o contexto é semelhante ao de uma conversa informal.

As fontes de informações que compõem o referencial teórico deste trabalho foram encontradas nas bibliotecas da UFRGS e em dissertações e teses disponíveis nos repositórios digitais, como LUME e Scielo. Além disso, foram realizadas pesquisas em fontes documentais de instituições como a Prefeitura de Porto Alegre, o Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo, o Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho, o Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, os arquivos do Lindóia Tênis Clube, imobiliárias antigas do bairro e arquivos dos próprios moradores de forma a reconstituir a história do bairro. Junto a isto, foram incorporados registros fotográficos comparativos das ruas onde se assentaram os primeiros moradores, bem como os seus depoimentos, histórias e recordações da permanência dos moradores naquele local.

Para realizar tal análise e reflexão, utilizaram-se quatro conceitos, que desde a concepção desta pesquisa se mostraram bem presentes e demarcados: conceito de **memória**, de **memória coletiva**, de **lugar** e de **bairro**. Com relação aos conceitos de **memória** NORA, POMIAN, LE GOFF e POLLAK e de **memória coletiva** HALBWACHS pode-se dizer que a memória está intrinsecamente ligada ao

processo de construção da identidade, seja ela individual ou coletiva, a partir das quais se pode reconhecer os acontecimentos passados e, ainda, conservar as informações que nos são relevantes à preservação, à rememoração. O conceito de **lugar** (SANTOS), para entender a importância desse termo para diversos estudos referentes à sociedade e aos grupos humanos E, ainda, o conceito de **bairro** (LEFEBVRE, CERTEAU, MAYOL), para entender esse espaço complexo que os moradores têm consciência de pertencer e segundo De Certeau, Giard e Mayol (1994, p. 41) "[...] que se constitui uma circunscrição espacial do habitar, da vivência e das múltiplas relações que se permeiam."

A estrutura deste trabalho foi dividida em quatro capítulos. O primeiro tem como função a apresentação do tema, o problema da pesquisa e os objetivos, a justificativa, a relevância, a metodologia e o referencial teórico, além das motivações da autora para a realização do estudo, dando enfoque à memória social e do lugar.

O segundo capítulo, intitulado **NO CAMINHO QUE LEVA ÀS PRAIAS, SURGE A ZONA NORTE**, busca investigar o histórico e o desenvolvimento da zona norte, da Avenida Assis Brasil e, conseqüentemente, da implantação do Bairro Jardim Lindóia e como se configura atualmente. As indústrias que para lá estavam sendo transferidas e se instalando, povoando aquela área distante do centro da cidade, também serão destacados nesta seção.

No terceiro capítulo **MEMÓRIAS DO BAIRRO**, serão abordadas a fundamentação teórica e as questões da memória, enfatizando o lado emocional, o que cada pessoa com a bagagem de suas lembranças pode representar e, também, o registro das entrevistas dos moradores mais antigos, além dos comentários sobre as questões desenvolvidas.

Nas Considerações Finais, são retomadas as questões iniciais da pesquisa em que são apresentadas algumas reflexões acerca do problema levantado sobre o bairro e suas transformações e, a contribuição da pesquisa para a memória do bairro.

2 NO CAMINHO QUE LEVA ÀS PRAIAS, SURGE A ZONA NORTE

No final do século XIX, o início da industrialização da capital amplia-se em direção aos arrabaldes partindo do centro da península tanto para o sul como para o norte. Para o sul, o caminho das Estâncias: a Estrada do Mato Grosso (Avenida Bento Gonçalves), que se dirigia para Viamão; o Caminho do Meio (atuais Avenida Osvaldo Aranha e Avenida Protásio Alves), que levava também para Viamão; e o Caminho dos Moinhos de Vento, que se bifurcava e dirigia para a Aldeia dos Anjos (atualmente Gravataí) e Viamão. Para o norte, com o loteamento dos Navegantes, junto a um dos caminhos que levava para fora da cidade: o antigo Caminho Novo hoje Rua Voluntários da Pátria, onde também se instalavam as primeiras fábricas.

Anteriormente, das vias que levavam ao norte do município, havia uma estrada que conectava a cidade ao atual município de Gravataí e, conseqüentemente, levava às praias e à Santa Catarina. Nesta estrada, por onde transitavam também carretas puxadas a bois, foram surgindo pequenos comércios e locais onde os carreteiros paravam para descansar.

Terra (2001), conta que "[...] neste caminho, havia um pequeno arroio chamado Ibicuretã, nome que significa em Guarani: "rio que corre sobre a areia". Foi nesta época que os primeiros habitantes da região batizaram esta passagem de "Caminho do Passo da Areia", incorporando-se à cidade como mais uma rua, que fica conhecida como "Estrada do Passo da Areia". (TERRA, 2001, p.43 apud TEIXEIRA, 2017, p.52)

Em 1929, já na administração do prefeito Alberto Bins (1928-1937), inicia-se a pavimentação e a inclusão desta via na malha urbana de Porto Alegre, pois nossa capital, devido ao crescimento industrial do 4º Distrito⁵, apresentava um crescimento econômico expressivo.

A expansão da capital para a região norte, acompanhando a industrialização dos municípios de Gravataí⁶, Canoas⁷ e Viamão⁸ liga-se também aos processos socioeconômicos que vinham ocorrendo até então, que são:

⁵ É chamado de 4º Distrito a região que engloba os bairros porto-alegrenses **Floresta, São Geraldo, Navegantes, Farrapos e Humaitá**. A área forma uma faixa que faz limite com o Centro Histórico, passa ao lado da área nobre do Moinhos de Vento e vai até a fronteira noroeste da cidade, onde fica a Arena do Grêmio.

⁶ Consultar mais informações em: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-gravatai.html>

⁷ Para saber mais detalhes: <https://www.canoas.rs.gov.br/servicos/informacoes-tur>

⁸ Para maiores informações: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Viamão>

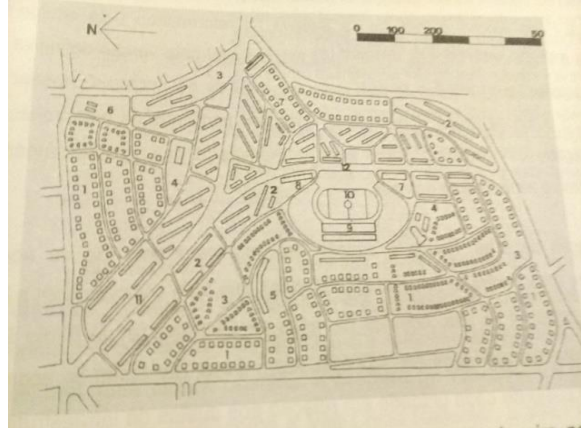
- a) No 1º momento, em torno de 1930, surge o primeiro núcleo industrial (o 4º Distrito de Porto Alegre), que expandiu a urbanização para a zona norte da cidade.
- b) O segundo momento, que é o início do segundo núcleo industrial de Porto Alegre, é marcado por dois grandes eventos: a enchente de 1941 (Figura 1), que prejudicou os projetos de ampliação e a ocupação do 4º Distrito, mas que tornou a Estrada do Passo D'Areia atrativa sob o ponto de vista topográfico, tendo em vista que esta área não seria prejudicada por eventuais chuvas fortes. Após, a criação da Vila do IAPI⁹, conjunto habitacional inteiramente projetado, como destacado na Figura 2.

Figura 1: Enchente de 1941 –zona inundada (área escura) de Porto Alegre



Fonte: Acervo Museu da UFRGS

Figura 2: Traçado esquemático Vila do IAPI



Fonte: (MIRANDA, 2013, p. 252)

No entanto, ainda que o crescimento do segundo núcleo industrial de Porto Alegre tenha seu início muitas vezes associado à enchente de 1941, que inundou o centro e a área industrial da cidade, sabe-se que o movimento em direção à região norte já vinha sendo arquitetado por empresas loteadoras, assim como pelo poder público e, só posteriormente, pelos industriários.

Logo, devido ao grande aumento populacional que se tem registro naqueles anos - 350 mil habitantes - rápidas atitudes no planejamento das zonas residenciais em expansão foram exigidas dos administradores.

⁹ A vila operária do IAPI na cidade de Porto Alegre é assim conhecida por ter sido financiada pelo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, criado pelo então presidente Getúlio Vargas, em 31.12.1936, pelo decreto de Lei nº 367. (COSTA, 2009, p. 68).

Estava sendo implantado na época, um segundo plano urbanístico para guiar o crescimento de Porto Alegre, o Plano de Urbanização de 1940, projeto de Edvaldo Pereira Paiva, na administração de Loureiro da Silva.

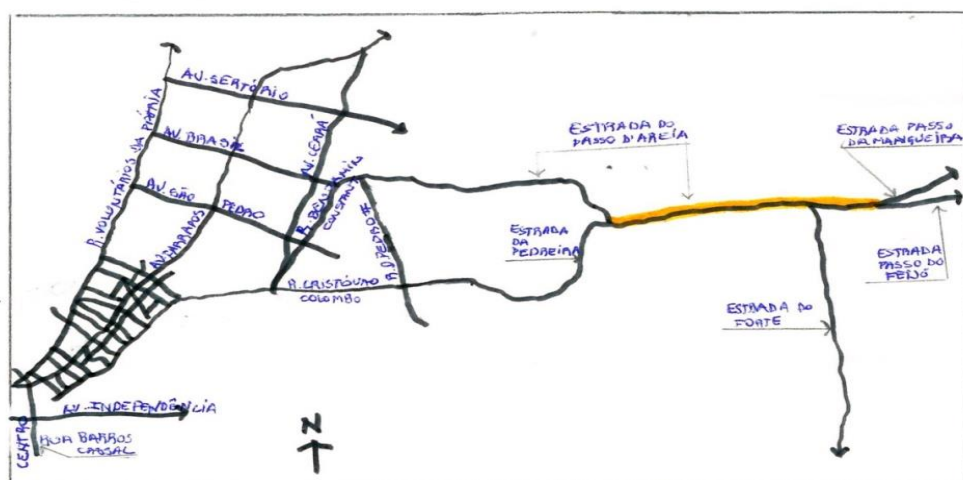
Neste plano são notáveis as modificações viárias em direção à atual Avenida Assis Brasil. Hack (*apud* FERNANDES, 2014, p. 103, 104), ao avaliar a planta da cidade, em 1942, destaca que:

A Estrada da Pedreira (atual Avenida Plínio Brasil Milano) e a Estrada do Passo D'Areia (atual Avenida Assis Brasil), dois importantes eixos radiais urbanos se unem ao nordeste da cidade, formando um só caminho com o nome de Estrada do Passo D'Areia.

A Estrada do Passo D'Areia, que segue no sentido nordeste, sobre bifurcação na altura da Estrada do Forte, originando a Estrada Passo da Mangueira¹⁰ (atual Avenida Assis Brasil) e Estrada Passo Feijó (atual Avenida Baltazar de Oliveira Garcia).

Além disso, outras obras viárias criaram conexões da Avenida Assis Brasil com os demais eixos importantes, a Estrada do Forte, a Rua (atual Avenida) Cristóvão Colombo e a Avenida Brasil que ligam respectivamente à Avenida Protásio Alves, ao centro da cidade e à Avenida Farrapos, conforme identificamos na Figura 3, em um croqui desenvolvido por Hack sobre planta de 1942.

Figura 3: Croqui: Vias de conexão iniciais de Porto Alegre



Fonte: Croqui adaptado pela autora de (FERNANDES, 2014, p.104)

¹⁰ O Passo da Mangueira, cujo nome se deve ao Arroio da Mangueira, diz respeito a uma região próxima à atual Estrada do Forte e adjacente ao Passo d'Areia. Correspondem atualmente aos bairros Cristo Redentor, Vila Ipiranga, Jardim Floresta (antiga Vila Floresta), Jardim Lindóia e São Sebastião.

Assim, deu-se o processo de urbanização desta parte norte da cidade, trazendo para seus arrabaldes, inúmeras indústrias e com elas se formaram os loteamentos ao redor da então Estrada do Passo D'Areia (atual Avenida Assis Brasil).

Durante a administração de Ildo Meneguetti (1948-1951), em 4 de agosto de 1948, foi criada a Avenida Assis Brasil, conforme apresenta o art. 1º da Lei 92¹¹.

Art. 1º - A via pública que tem início na Avenida Brasil e se prolonga até o término da Avenida Aimoré, nos bairros de São João e Passo da Areia, que inclui parte da rua Benjamim Constant, Estrada do Passo da Areia até a embocadura da Avenida Aimoré, e esta última Avenida em toda a sua extensão, passa a denominar-se Avenida Assis Brasil. (PORTO ALEGRE, 1948, documento eletrônico).

Com a instalação de indústrias e a formação de loteamentos no entorno, era visível o desenvolvimento da Avenida Assis Brasil e da zona norte na capital.

Figura 4: Av. Assis Brasil, 1959 – sentido centro-bairro



Fonte: (PORTO ALEGRE ANTIGO, documento eletrônico)¹²

Desde então a Avenida mantém o mesmo nome e segue sendo importante via de ligação aos municípios de Cachoeirinha, Gravataí, Alvorada e Viamão, além de ser a principal via de acesso para chegar e sair da capital no eixo norte da

¹¹ PORTO ALEGRE. **Lei nº 92 de 4 de agosto de 1948**. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/p/porto-alegre/lei-ordinaria/1948/9/92/lei-ordinaria-n-92-1948-da-denominacao-a-vias-publicas>. Acesso em 12 abr. 2019.

¹² PORTO ALEGRE ANTIGO (BLOG). **[Fotografia da Av. Assis Brasil – 1959]**. 2013. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/fotosantigasrs/11012679385/>. Acesso em: 20 set 2018.

cidade, conforme podemos visualizar acima na Figura 4, que é de mais de dez anos depois, ou 1959.

2.1 Loteamentos e Indústrias

A expansão dos bairros para a zona norte de Porto Alegre nas proximidades da Avenida Assis Brasil se deu devido às ações dos governos municipais em relação a questão sobre políticas públicas. De acordo com Teixeira (2017), as administrações de Otávio Rocha (1924-1928), Alberto Bins (1928-1937) e Loureiro da Silva (1937-1943) foram marcadas por políticas públicas que auxiliavam as companhias loteadoras no processo de urbanização do município. Essa influência acontecia, pois parte dos acionistas destas empresas, ocupavam cargos no setor público.

Desde a década 1930, que alguns loteamentos foram criados naquela região sendo o primeiro, o da Vila Cristo Redentor, localizada na então Estrada do Passo D'Areia. Após em 1933, o loteamento da Vila Progresso foi o segundo e em 1938, outros dois loteamentos surgiam: o Loteamento Vila Passo D'Areia 1 e a Vila Floresta. Miranda (2013) destaca:

A Vila Cristo Redentor era uma antiga fazenda de tambos de leite e produção de hortifrutigranjeiros, loteada pela empresa Irmãos Bernardi & Cia. A ideia dos irmãos era de criar um loteamento que atendesse as famílias de baixa renda que eram assoladas frequentemente pelas enchentes no Navegantes. Como era zona rural, as ruas de 6 metros de largura eram “encascalhadas”, e o abastecimento de água era por meio de poço artesianos, poços públicos e um depósito de água. (MIRANDA, 2013, p. 263).

Importante salientar, como comenta Miranda (2013), que estes modelos de loteamento já traziam em seus projetos o estilo bairro-jardim¹³, mais de uma década antes da construção da Vila do IAPI, que viria surgir em 1945.

¹³ Bairro-jardim é um bairro planejado segundo o conceito inglês de garden city. Apresentam praças, parques, intensa arborização em suas calçadas e traçado urbano diferenciado, podendo ser tortuoso, circundado por amplas avenidas.

Ainda segundo Miranda (2013), dez anos após a aprovação de criação da Vila Floresta pela Prefeitura de Porto Alegre, instalava-se em uma de suas ruas a Indústria de Carrocerias Eliziário, que obteve projeção nacional produzindo carrocerias de ônibus, conforme pode ser visto nas Figuras 5 e 6 abaixo.

Figura 5: Ônibus da Empresa Eliziário



Figura 6: Ônibus "Apolo11" Empresa Eliziário



Fonte: (CLASSICOS ANTIGOS GUERININET [BLOG]) Fonte: (CLASSICOS ANTIGOS GUERININET [BLOG])¹⁴

Na década de 1940, aquela região toma uma configuração industrial, com a instalação das empresas Wallig e Renner e um pouco mais tarde, já no início da década de 1950, a Mattarazzo. Junto a isto, começam as obras de alargamento da Avenida Assis Brasil. O crescimento econômico da cidade se reflete na zona norte, que começa a receber moradores não só de outras localidades da cidade, bem como do interior do Estado.

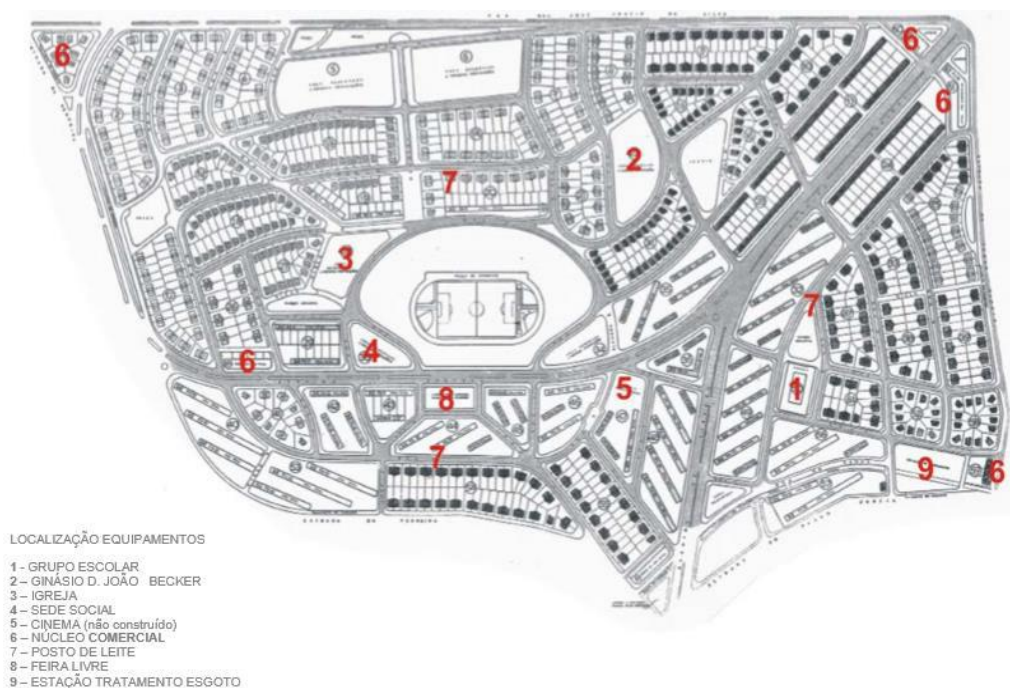
Outros loteamentos vieram: Loteamento Vila Passo D'Areia 1 (1938), da Empresa Territorial Santana; a Vila Passo d'Areia (1947), da Empresa Territorial Suburbana Ltda., que contava com área para implantação de uma escola e praça de esportes do SESI¹⁵. No entanto, ainda em 1947, foi construída na mesma quadra designada para escola, a Fábrica Zivi Hércules, que produzia talheres de aço inoxidável (prédio recentemente demolido).

¹⁴ CLASSICOS ANTIGOS GUERININET [BLOG]. [Fotografia do Ônibus da Eliziário]. 2011. Disponível em: http://classicosguerininet.blogspot.com/2011_05_22_archive.html. Acesso em: 20 set 2018.

¹⁵ O Serviço Social da Indústria (SESI), criado em 1º de julho de 1946, tem como desafio desenvolver uma educação de excelência voltada para o mundo do trabalho e aumentar a produtividade da indústria, promovendo a saúde e segurança do trabalhador.

Teixeira (2017, p.62) menciona que a implantação da Vila do IAPI nome pelo qual ficou conhecida a Vila dos Industriários (de nome oficial “Conjunto Residencial Passo D’Areia”), ocorrida em 1945, foi um grande marco, pois os equipamentos urbanos presentes nesse complexo não constam em projetos de urbanização anteriores. E, assim, a partir da construção deste conjunto habitacional (figura 7), muitos industrialistas passam a implantar suas fábricas na região da Avenida Assis Brasil, e atuar conjuntamente no processo de loteamento.

Figura 7 – Planta de implantação da Vila do IAPI e equipamentos urbanos



Fonte: (DEGANI, 2003, p. 12)

Sem dúvida, que no setor habitacional, a criação da Vila do IAPI traz nova dinâmica para a parte norte da cidade, pois o conjunto habitacional (Figura 8, abaixo) representa um marco no urbanismo de Porto Alegre como o primeiro grande empreendimento residencial com destino à classe operária e promovido pelo governo federal sob presidência de Getúlio Vargas. Tal processo está diretamente ligado com a expansão da indústria no município e da região da Avenida Assis Brasil.

Figura 8 – Conjunto Residencial Vila do IAPI



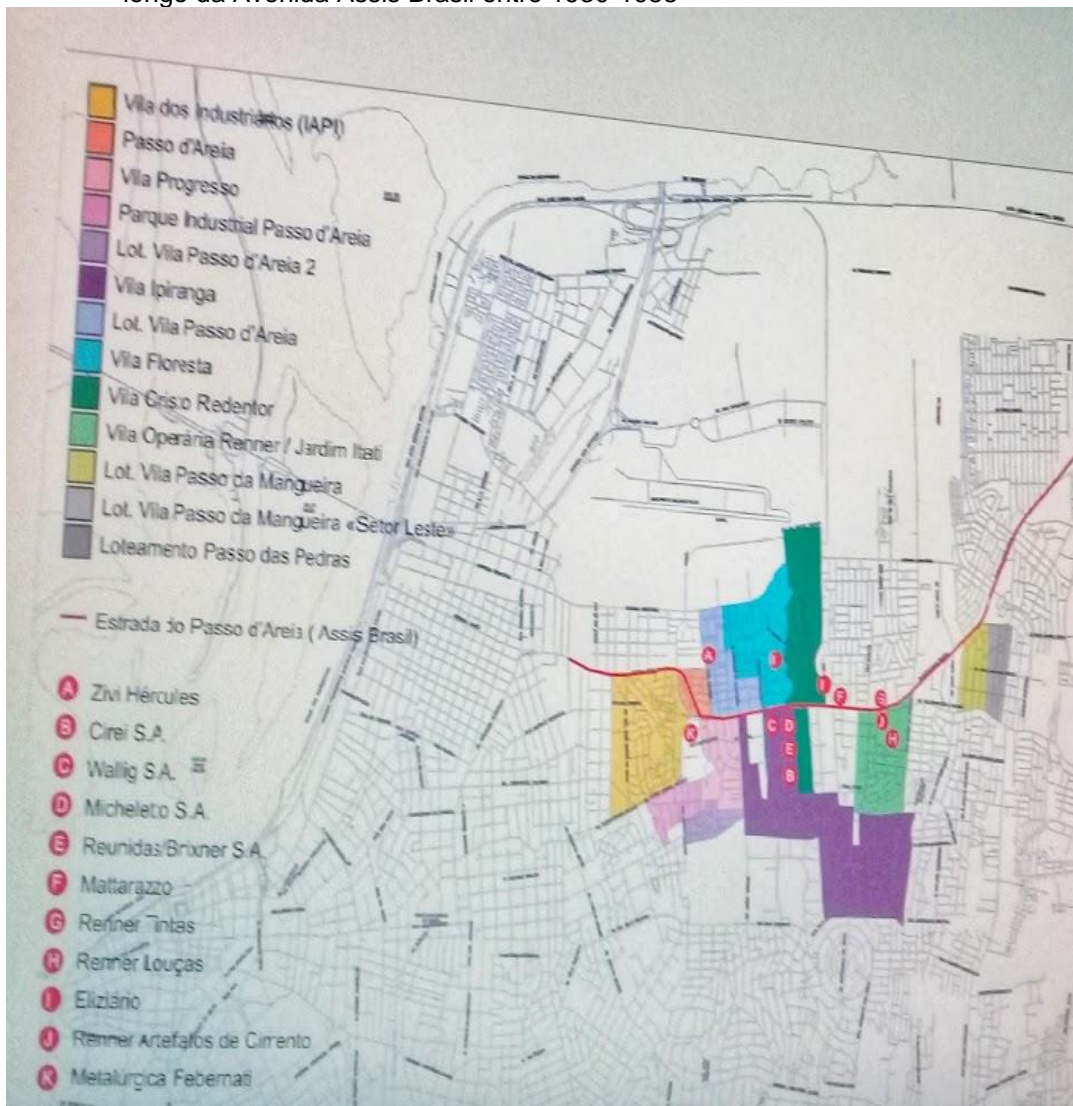
Fote: Nick Acervo, 2016

O projeto chamava a atenção por sua magnitude. Seria um conjunto habitacional capaz de comportar quinze mil pessoas e contaria com serviços como escola, sede social, estação de tratamento de esgoto, ampla área verde e núcleo comercial. (DEGANI, 2003).

Muitos outros loteamentos surgiram naquele período, no movimento que aliava indústria e criação de solo urbano: Loteamentos da Vila Ipiranga e Vila do Passo D'Areia (1947), Vila do Passo da Mangueira (1951), Passo das Pedras (1953), Parque Industrial Passo D'Areia (1954), Vila Passo D'Areia 2 (1955), Vila Operária Renner/Jardim Itati (1955) e Vila Passo da Mangueira "Setor Leste" (1955).

Na figura 9, na outra página, aparece o mosaico de loteamentos, formato resultante do processo de industrialização e urbanização dos arrabaldes da Avenida Assis Brasil.

Figura 9: Planta parcial da zona norte. Vila do IAPI e principais loteamentos e indústrias ao longo da Avenida Assis Brasil entre 1930-1955



Fonte: (MIRANDA, 2013)

De acordo com Miranda (2013), entre estes muitos outros loteamentos que surgiram, destaca-se o Projeto da Vila Operária das Indústrias Renner, do industriário A.J. Renner, que pretendia instalar uma Fábrica de Louças e outra de Artefatos de Cimento, com familiares detentores de fábricas destes segmentos na região. Além de ressaltar que ali já havia também, desde 1945, a Fábrica de Tintas Renner Hermann. O projeto aprovado em 1955 localizava-se no prolongamento da Estrada do Passo D'Areia na zona chamada de Passo da Mangueira (conforme se pode visualizar na Figura 10).

Figura 10: Projeto da Vila Operária das Indústrias Renner



Fonte: Miranda (2013, p.272).

O projeto de loteamento da Vila Operária Renner foi aquele que estabeleceu as intenções mais claras com relação à instalação da população operária do grupo Renner, próximo às suas indústrias.

A Vila Operária Renner, teria seu nome alterado mais tarde para Jardim Itati (1955), e o loteamento foi entregue em sua totalidade em 1973, ou seja, 18 anos após sua aprovação. (MIRANDA, 2013, p.271).

Em 1927, a Fundação Renner Koepeke & Cia Ltda, constituem as Tintas Reko – início da fabricação de tintas, esmaltes e vernizes no bairro Navegantes. Em 1951, ocorre a abertura da nova planta industrial do Passo D'Areia e, em 1952, toda unidade fabril do Navegantes se instala na Avenida Assis Brasil, 3966, como se pode ver nas figuras 11, 12 e 13.

Figura 11: Fábrica das Tintas Renner na Av. Assis Brasil em 1955



Fonte: acervo da autora

Figura 12: Fábrica de Tintas Renner



Fonte: acervo da autora

Figura 13: Fábrica de Tintas Renner em 1960 – Avenida Assis Brasil, 3966



Fonte: Acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo/Léo Guerreiro e Pedro Flores

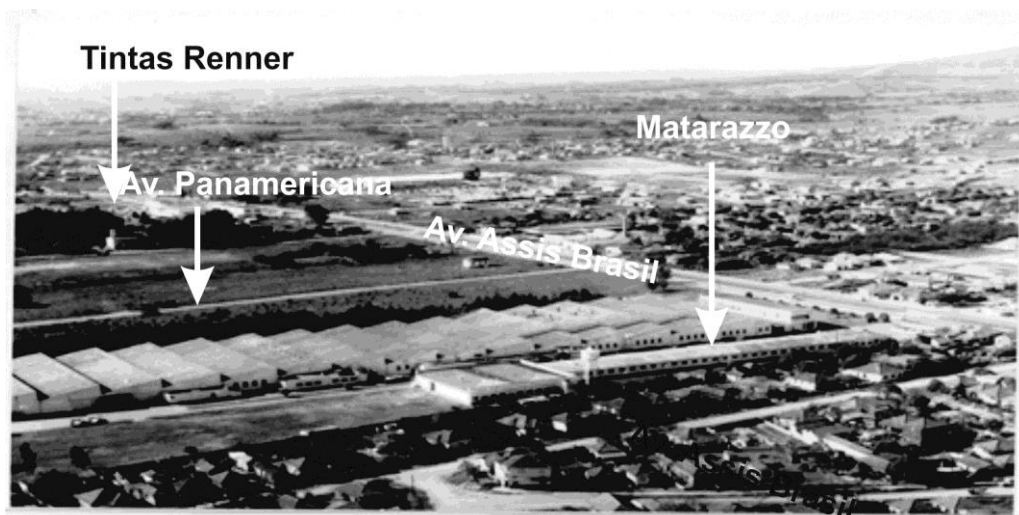
Em 1950, é a vez da Metalúrgica Matarazzo, se instalar na Avenida Assis Brasil, em um dos terrenos do loteamento Lindóia, conforme figuras 14 e 15.

Figura 14: Vista aérea Metalúrgica Matarazzo na Avenida Assis Brasil -1960



Fonte: Acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo/ Léo Guerreiro e Pedro Flores

Figura 15: Vista aérea Avenida Assis Brasil/Metalúrgica Matarazzo/ Tintas Renner



Fonte: Acervo do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo/Léo Guerreiro e Pedro Flores

Conforme Teixeira (2017), dentre outras indústrias que se instalaram na região enumeramos a Zivi Hércules; a Cirei S.A., que montava veículos e produzia máquinas, motores elétricos e pianos; a Wallig S.A. (1904), que produzia fogões (Figura 16), e onde, atualmente, se situa um Shopping Center (Figura 17); a Micheletto S.A. produzindo parafusos e prendedores; a Reunidas/Brixner que comercializava e produzia móveis; e a Metalúrgica Febernati, que produzia latas de querosene.

Ainda se faz referência a empresa Albarus S.A., hoje Dana Albarus S.A. localizada no Distrito Industrial de Gravataí – suas antigas instalações situavam-se

na Rua Joaquim Silveira, 557, Bairro São Sebastião, onde hoje funciona a Empresa Global GKN Driveline, fabricante de peças do setor automotivo; a Irmãos Bertotto e Dametto Ltda., é de 1954 e reformava carrocerias de ônibus, à Forjas Taurus (1939), que se localizava na Avenida do Forte e hoje tem sua fábrica em São Leopoldo e a Sabão Maraschin, de 1966, que encerrou sua produção em janeiro de 2018.

Figura 16 - Fábrica de Fogões da Wallig S.A. em 1981, após incêndio de 1980 Av. Assis Brasil esquina com a Rua Francisco Trein



Fonte: Kultme.com.br, 2015

Figura 17 – Shopping Bourbon Wallig



Fonte: TEIXEIRA, 2017, p. 90

A Avenida Assis Brasil se tornaria a principal via da zona norte com acesso a vários bairros, que ao longo dela e ao redor das indústrias ali instaladas, se formaram.

2.2 O Loteamento Jardim Lindóia

Em meados de 1950, juntamente com todo o desenvolvimento urbano e industrial, surgiu mais um loteamento na zona norte, o bairro Jardim Lindóia, objeto dessa pesquisa, que fica distante 12 quilômetros do centro de Porto Alegre, com população de 7.420 habitantes, conforme dados do Censo IBGE de 2010. No traçado atual faz divisa com os bairros Jardim Floresta, Cristo Redentor e Parque São Sebastião e abrange o trecho entre as Avenidas Assis Brasil e Avenida Sertório.

Consciente do potencial daquela região, em 12/09/1950, o então corretor de imóveis, Arno Friedrich, adquiriu de Olavo Furtado de Oliveira uma área de 76,8 hectares de terra, localizados no lado esquerdo da Avenida Assis Brasil (hoje: entre

a Avenida Assis Brasil e a Avenida Sertório) na direção norte, para fazer um loteamento visando a implantação de um bairro residencial. O loteamento inicial contava com, aproximadamente, doze ruas, conforme traçado apresentado na Figura 18.

Figura 18: Em amarelo, o Bairro Jardim Lindóia inicial.



Fonte: Google Maps/adaptação de Carlos Rema, 2019

Em 1948, Friedrich associou-se a Henrique Runte e com eles criou a Construtora Continental¹⁶. A maioria das casas, daquela época, foi construída e vendida pelo loteador, Arno Friedrich, e pelo corretor Armando Michelsen.

A denominação do bairro foi escolhida por Arno Friedrich e sua esposa, inspirados em uma localidade que haviam conhecido em uma viagem: Águas de Lindóia. Segundo a lenda, Lindóia era o nome de uma índia guerreira, história relatada pelo escritor Basílio da Gama em um dos seus mais conhecidos poemas: "A morte de Lindóia". E suas ruas, com nomes de cidades latino-americanas, foram nomeadas por Walter Spalding¹⁷ que era tio da esposa de Arno Friedrich.

Em 1951, iniciou-se a comercialização dos lotes. A venda foi rápida devido às facilidades de crédito oferecidas pelo empreendimento e pelas empresas que

¹⁶ A Construtora Continental foi criada em 1948 e antecede ao loteamento Jardim Lindóia.

¹⁷ Walter Spalding (*Arroio dos Ratos, 28/10/1901/+ Porto Alegre, 05/07/1976) – Historiador, jornalista e escritor brasileiro. Pesquisador considerado referência para a história de Porto Alegre. Foi bibliotecário no Arquivo Municipal de Porto Alegre, e em 1936 assumiu o cargo de diretor do Arquivo e Biblioteca Pública Municipal. Diretor da imprensa oficial de PMPA entre 1939-1943. Criador do Boletim Municipal da Prefeitura em 1939. Membro da academia Rio-Grandense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do IHG do RS e do Instituto Brasileiro de Genealogia. Possui mais de 200 obras publicadas entre livros e artigos. Seu nome batiza uma rua na cidade e a Biblioteca Walter Spalding do Museu Joaquim José Felizardo, que preserva sua coleção de livros.

estavam se implantando naquela região, para seus funcionários. No entanto, os critérios de ocupação para construção no loteamento eram rígidos: só poderiam ser construídas casas de alvenaria e nenhum outro tipo de empreendimento, como indústria e comércio, que viesse a desconfigurar o ambiente residencial proposto no projeto inicial. Eram prioridades de investimento: calçamento, praças e arborização, mas no início não havia iluminação pública, nem transporte coletivo. A estrutura urbana configurava-se por um traçado urbano regular implantado a partir de seu loteamento inicial. O uso do solo predominantemente residencial, constituídas por edificações térreas ou com dois pavimentos, com recuo de jardim e lateral. Na década de 1960, já era visível o desenvolvimento do bairro Jardim Lindóia.

A Avenida denominada Panamericana iniciava-se logo após o número 3.500 da Avenida Assis Brasil, no sentido Centro-Bairro, em uma região de terrenos livres. Cerca de 500 metros, perpendicular à Avenida Assis Brasil, chegava-se na Praça Libaneza, que dava e, ainda dá, as boas vindas a quem chega ao bairro, um lugar simpático e introspectivo. Abaixo, na figura 19, a Praça Libaneza em 1953, onde se percebe algumas residências já estabelecidas.

Figura 19: A Praça Libaneza

AS RAÍZES DO JARDIM LINDÓIA



A praça Libaneza dois anos após o início do loteamento

1953

Fonte: Jornal dos Bairros-ZH

O bairro era introspectivo, porque se fechava em si mesmo, apesar de suas doze ruas iniciais, que possuíam nomes que nos levavam a cidades latino-

americanas. Avenida Panamericana, Praça Libaneza, Avenida La Paz, Mexicale¹⁸, Caracas, Antilhas, Montreal, Quito, Porto Príncipe, Tegucigalpa, Trinidad e Praça Coronel Francelino Cordeiro¹⁹. Que lugar diferente era esse que não tinha nome pomposo de "Senhores" desconhecidos? Alguns anos após (1959), duas ruas tiveram seus nomes trocados. A Rua Paulo Bento Lobato²⁰ veio em substituição à Rua Mexicale e a Rua Comandante Gustavo Cramer²¹ (que se identificava como: a rua do clube) - em substituição a rua que nasceu como Tegucigalpa. Ambas receberam nova denominação pela Lei Ordinária Municipal 2022 de 07/12/1959 (PORTO ALEGRE, 1959, documento eletrônico), data em que o bairro foi oficialmente criado e delimitado pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, apesar de já existir desde o início de 1950.

Era um "lugarzinho" diferente, tranquilo e acolhedor como uma cidadezinha do interior. Descampado, horizonte infinito - onde o olhar se perdia em busca de "civilização à vista", que não havia ao alcance do olhar.

Lefebvre (1975, p. 201) é o autor que se aproxima do conceito de bairro que destacamos acima “O bairro é uma pura e simples sobrevivência [...] É ele o maior dos pequenos grupos sociais e a menor dos grandes. A proximidade no espaço e no tempo substituem as distâncias sociais, espaciais e temporais”.

Verificamos que os primeiros contatos dos moradores e a organização do bairro, desenvolveram naquele local um sentimento de querer estar junto aos habitantes, onde se cultivaram laços que ainda estão entremeados das memórias que resgatamos nesta pesquisa.

A seguir, na Figura 20, planta de todo o loteamento realizado em 1951.

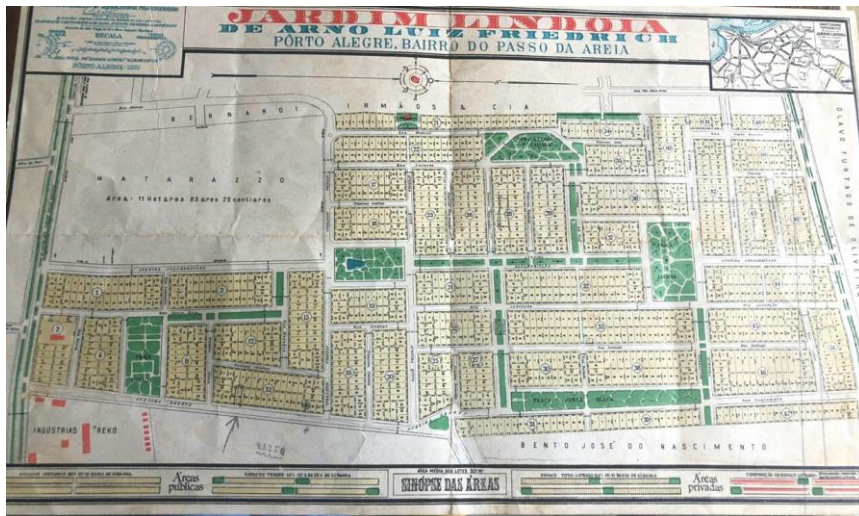
¹⁸ Mexicale: capital do Estado da Baixa Califórnia no México. Fundada em 1903, sendo seu nome uma combinação das palavras México e Califórnia. Tem cerca de 862 mil habitantes. A cidade é chamada “a cidade que capturou o sol” devido às altas temperaturas e tem clima desértico.

¹⁹ Tenente-Coronel Francelino Cordeiro – foi um dos presidentes do Grêmio Gaúcho, um clube de inspiração militarista, localizado no bairro Medianeira e que tinha como objetivo exaltar antigas tradições gaudéias, bem como ser um instrumento de reação a uma crise social que os associados pressentiam no final do século XIX.

²⁰ Paulo Bento Lobato – Advogado e Consultor Jurídico do Estado do Rio Grande do Sul.

²¹ Gustavo Ernesto de Carvalho Cramer, nasceu em 1911 em Rio Grande. Dedicou-se a aviação, galgando todos os escalões da aviação comercial tornando-se piloto da Panair do Brasil. Fundou em 1946 uma empresa aérea em Rio Grande, a sociedade Anônima Viação Aérea Gaúcha (SAVAG) fazendo viagens entre Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre e mais tarde para outros estados do Brasil. Em 1950, faleceu em acidente pilotando um de seus aviões, juntamente com o ex-ministro da Aviação, senador Salgado Filho.

Figura 20: Projeto do Loteamento do Bairro Jardim Lindóia - 1951



Fonte: Acervo Leonel Friedrich

Nesta planta realizada em 1951 com data e nome do engenheiro e cartógrafo, no selo, situado no canto superior, à esquerda, o loteamento geral, de toda área adquirida, muito próximo do traçado do bairro como é hoje. No entanto, é uma área bem maior do que realmente foi realizado nos primeiros anos e como ficou até em torno de 1975, ou seja, por vinte e cinco anos o bairro foi bem reduzido, conforme figura 18, que consta na p. 33.

No próximo capítulo, enfim, a história e memórias do Bairro Jardim Lindóia, contada por seus primeiros moradores.

3 MEMÓRIAS DO BAIRRO

Pierre Nora (1993, p.7) argumenta que memória e história não são sinônimas e que as mesmas se opõem em tudo “[...] A memória seria aquilo vivido e sua reconstrução intelectual seria a história”. Para ele, aquilo que hoje chamamos de memória é, na verdade, história.

Entende-se aqui que toda memória contribui para a construção de uma história e se manifesta de variadas maneiras: através de fatos, lembranças individuais, de pessoas, datas, acontecimentos, regiões, etc, sendo uma prática comum entre todos e mais diversos grupos humanos.

Para realização deste capítulo, utilizou-se o resultado das entrevistas semiestruturadas (cujo instrumento completo encontra-se no Apêndice A), aplicadas pela pesquisadora, pois para se conhecer mais sobre a implantação e formação do bairro e de sua comunidade na época, além das fontes citadas anteriormente, se fez necessário buscar informações no relato oral daqueles primeiros moradores e seus registros fotográficos, se fossem encontrados. No Apêndice B está o modelo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido preenchido por todos os sujeitos da pesquisa.

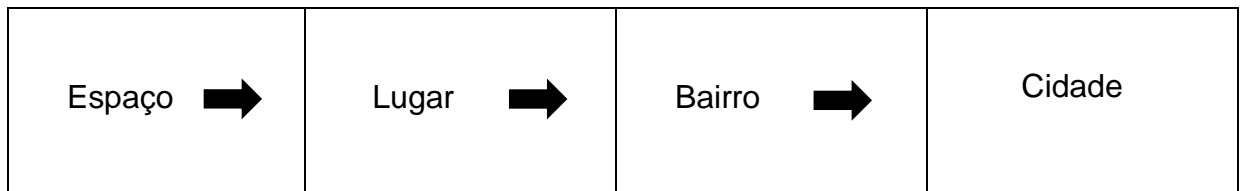
Para as entrevistas, a intenção inicial era de que estas fossem realizadas com os pioneiros habitantes do bairro. No entanto, poucos se encontravam vivos e outros, pouco se lembravam dos idos tempos. A escolha dos entrevistados passou, então, para seus descendentes, filhos e filhas, como a pesquisadora, ou seja, daqueles que por lá foram morar no início da década de 1950. Ao final, doze pessoas foram entrevistadas, sendo que três, os com mais de 80 anos, fazem parte daqueles primeiros moradores e os outros que hoje tem entre 60 e 70 anos, são seus descendentes. Como a intenção deste trabalho iniciou em 2014, com a disciplina Informação e Memória Social, algumas entrevistas iniciaram em 2015 e a grande maioria em 2019.

Fez-se conjuntamente, o levantamento e registro fotográfico das ruas, praças e edificações mais antigas do bairro. O objetivo era fazer um comparativo entre as residências na época da implantação do bairro e hoje. As que foram encontradas estão compondo o resultado da pesquisa.

Em razão do pequeno volume de entrevistados, e, por todos terem autorizado a utilização dos dados, optou-se por manter seus nomes originais.

A fundamentação teórica buscou referenciar autores, cujos conceitos se aproximaram do objeto de estudo. Assim, serão destacados abaixo, os termos que auxiliaram a costurar os conceitos com as falas dos entrevistados e que permitiram trazer a tona as memórias e vivências dos moradores. Para a compreensão mais objetiva, o Apêndice C, traz um resumo de autores e os conceitos mais apropriados à pesquisa.

Neste momento, ressaltamos a contribuição de alguns autores pesquisados para respaldar esse trabalho na linha de pensamento organizada conforme o esquema abaixo:



Iniciando com Santos (1978), que traz tanto conceitos sobre espaço e lugar assim como em uma de suas definições sobre o “espaço”: “[...] o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais [...]”, que levou a Carlos (1996, p.29), para quem “O lugar é produto das relações humanas [...]”, que leva aos conceitos de bairro de Lefebvre (1975), De Certeau (1994), Mayol (1996) e Lynch (1997).

O que é um bairro? Para alguns, uma simples divisão territorial de uma cidade. Para análise ou conceituação, vemos que ele está inserido na cidade e é definido como a representação de espaço e lugar.

Alguns autores, sejam geógrafos, arquitetos, filósofos ou sociólogos, vêm trabalhando o tema bairro de forma bastante diversificada, e no presente trabalho serão analisadas as definições de apenas algumas das fontes encontradas a fim de facilitar a sua compreensão, como, por exemplo, Lefebvre, que dedicou grande parcela de seus estudos aos espaços sociais urbanos. Sua contribuição para a geografia foi profunda, pois toda a teoria atual desta disciplina se deve à tese de que o espaço é social, ou seja, é socialmente produzido. Sua tríade teórica: espaço vivido - percebido - concebido, inspirou grandes nomes da geografia contemporânea, como o brasileiro Milton Santos, entre outros.

Assim, Lefebvre (1975), refere-se ao bairro como uma unidade natural da vida social devido à ideologia comunitária inserida na sua base. Para ele, o bairro seria o lugar onde se faz a tradução (para e pelos usuários) dos espaços sociais (econômicos, políticos, culturais, etc.) em espaço comum, quer dizer, geométrico. Contudo, como previne Lefebvre (1975), tememos a possibilidade da extinção dos bairros, o que é muito apropriado a este estudo, quando conseguimos visualizar as modificações ocorridas ao longo dos anos.

Para De Certeau (1996) o bairro seria o lugar de manifestação do “engajamento” social, ou seja, a arte de conviver com os outros ligados pela proximidade topográfica e pela repetição das condutas.

Pierre Mayol (1996) dedicou-se ao estudo do espaço urbano e decidiu trabalhar a noção de bairro participando do pequeno núcleo de colaboradores de Certeau. Mayol partia da definição de bairro dada por Henri Lefebvre (1975, p.201), “[...] uma porta de entrada e de saída entre espaços qualificados e o espaço quantificado”. O que o interessava, assim como a De Certeau, era estudar a multiplicidade dos modos de apropriação do espaço praticado, valorizando as relações entre o espaço privado e o espaço público, os percursos empreendidos pelos usuários para passar de um ao outro. Mayol mostrava em que medida o bairro pode ser percebido como uma forma de privatização do espaço público, um espaço intermediário entre o fora e o dentro e, é a tensão mesma que religa estes dois pólos que torna possível a realização dos modos de apropriação do espaço urbano. O bairro, prossegue o autor (1996, p.44), “[...] se inscreve na história do sujeito como a marca de uma pertença indelével na medida em que é a configuração primeira, o arquétipo de todo processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana pública”.

Colaborando com os autores citados acima, o urbanista americano do início do século passado, Lynch (1997, p. 101), que deixou importantes contribuições ao estudo do planejamento urbano, identificou os bairros como “[...] regiões médias ou grandes de uma cidade, concebidos como dotados de uma extensão bidimensional, reconhecíveis por possuírem características comuns que os identificam”. Além de chamar a atenção para o surgimento de sentimento de pertencimento, de sentido de lugar, que permitiria às pessoas apropriarem-se desse ambiente e impregná-lo de seus próprios significados e relações.

Por fim, os conceitos de lembrança, memória individual e coletiva, que permearam e foram o enfoque de todo o trabalho e se destacaram através das entrevistas, nas memórias orais e histórias de vida dos sujeitos da pesquisa.

Desde os geógrafos como Santos (2006, p.212), que declara: “Assim o lugar também pode ser concebido enquanto memória, pois com a mobilidade, o lugar se torna como quadros de vida”. Tal como para os clássicos do assunto: Nora (1993, p.9), pra quem “A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente”; ou Pomian (2000, p.507) “Toda a “memória” é em primeiro lugar uma faculdade de conservar os vestígios do que pertence já em si a uma época passada”; e ainda Le Goff (1992, p.476), que aponta alguns elementos importantes para o estudo da memória e insere o caráter de identidade como fundamental para conceituá-la, como algo a ser conquistado, construído: “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje”, seguindo com Pollak (1992), na mesma linha, fazendo a ligação entre memória e identidade social, mais especificamente no âmbito das histórias de vida.

Na memória coletiva, Halbwachs (2003), o expoente nos estudos na área das ciências sociais, concebendo-a como um fenômeno inteiramente coletivo, ou seja, a memória individual é construída a partir da memória coletiva e também, como no Brasil pensa Bosi (2003, p.31) “A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, [...]. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo”.

Necessário mencionar ainda, os autores estudados que contribuíram para os conceitos sobre memória oral: Alberti (1989), Bosi (2003) e Pomian (2000).

3.1 Primeiros Moradores e Suas Residências

Os primeiros moradores chegaram ao loteamento Jardim Lindóia, no início dos anos de 1950.

Muitos foram morar no bairro devido à transferência de suas indústrias ou empresas do 4º Distrito para a zona norte, conforme relatado no capítulo anterior, como foi o caso das Tintas Renner e, também, por muitos profissionais da Varig

(Viação Aérea Rio-Grandense) pela proximidade com o Aeroporto Internacional Salgado Filho (denominado até 1951, Aeródromo de São João).

Sabe-se o ano exato em que foram morar no Lindóia, apenas, daqueles moradores ou descendentes, que foram entrevistados, portanto, serão citados adiante, alguns moradores a partir das ruas em que se estabeleceram e não pela ordem em que chegaram ao bairro.

Na Rua Paulo Bento Lobato: Hermann Willy Schmidt, no nº 111 em 1954; Erny Baumann e Miguel Maeso; na Rua Caracas: Milton Rampf no nº 22, Ivo Fleck no nº 35, em 1953, Frederico Muller no nº45, René Jonson no nº 97, Armando Michelsen no nº 54; na Travessa Antilhas: Mário Oliveira no nº 65 (o 2º a se instalar no bairro), Geraldo Sambrano no nº 33, em 1953, Dr. Jerônimo dos Santos Filho no nº 96, Milton Magalhães no nº 110, em 1954; na Praça Libaneza: Alceu Squeff no nº 102 (recentemente demolida), em 1954, José Plaszewski no nº 26, e Arno Friedrich no nº 113, em 1954, (parte de cima da Praça Libaneza); na Avenida Quito, Bento Ramos no nº 58, (primeiro morador do bairro), Guido Schiefelbein no nº 106, em 1952 (o 3º a se instalar), Leo da Costa Lima no nº 94, em 1954, Ronald Stein no nº 140, Romeu Ferrari no nº 119 e no número 125, na esquina com a Avenida Quito; na Travessa Porto Príncipe: Waldyr Stumpf se instalou no nº 90, em 1956.

Abaixo na figura 21, uma vista para o bairro, da parte alta da Praça Libaneza, no início do loteamento. Algumas residências já construídas e, ao redor da praça, o calçamento de paralelepípedo, aguardando colocação.

Figura 21: Primeiras moradias do bairro - do alto da Praça Libaneza



Fonte: Acervo de Leonel Friedrich

O bairro crescia mesmo com muito a ser implantado, como o calçamento de suas ruas.

Sousa aponta como o bairro é importante para além da sua estrutura:

[...] além de determinado território, o bairro se caracteriza por um segundo elemento, o “sentimento de localidade” existente nos seus moradores, e cuja formação depende não apenas da posição geográfica, mas também do intercâmbio entre as famílias e as pessoas, vestindo por assim dizer o esqueleto topográfico. (SOUSA, 1987, p. 57)

As imagens que virão a seguir (Figuras 22 e 23) correspondem às primeiras moradias construídas no bairro, no novo loteamento. Destas primeiras, que possivelmente, são mais de vinte, quase todas se conservam iguais ao tempo em que foram construídas, algumas somente com poucos acréscimos ou fechamento, para adaptação de garagem lateral, por exemplo.

Figura 22: Avenida Quito, 58 – 1ª residência



Fonte: da autora, 2019

Figura 23: Travessa Antilhas, 65 – 2ª residência



Fonte: da autora, 2019

Pela observação das casas hoje, deduz-se que a Construtora Continental possuía um padrão construtivo de qualidade. Em geral, a planta baixa era a mesma, com a escolha de dois ou três dormitórios e variações na cobertura. A grande maioria possuía recuo de jardim e recuo lateral. Nestas, as garagens eram separadas do corpo da moradia, ficando localizadas ao fundo do terreno juntamente com outro dormitório e sanitário.

Ao pesquisar, a dificuldade encontrada aqui foi quanto ao registro fotográfico destas residências na época em que foram construídas, tanto quanto de seus proprietários, residentes ou descendentes. Foi um tempo em que para fazer o registro necessitava-se de uma máquina fotográfica, o que não era comum entre as pessoas, ou a contratação de um fotógrafo profissional. As que foram encontradas

são as imagens que estão em preto e branco. As atuais são as imagens que estão em cores e com difícil visualização devido às árvores ou jardins em frente às mesmas.

O comentário de uma das entrevistadas demonstra o desenvolvimento do bairro:

Quando viemos morar aqui, em 30 de agosto de 1952, estavam preparando para lotear. As primeiras ruas foram a Avenida Panamericana, que vinha só até a Quito, e a Antilhas. Já estavam aqui o Bento Ramos, na Quito e o Mário Oliveira, na Travessa Antilhas. (SCHIEFELBEIN, 2015) 86 anos.

Nas figuras 24,25,26 e 27 mais moradias do início da implantação do bairro:

Figura 24: Av. Quito, 106 – 3ª residência



Fonte: da autora, 2019

Figura 25: Av. Quito, 94



Fonte: Acervo da autora

Figura 26: Travessa Antilhas, 110



Fonte: Acervo de Marelise Magalhães

Figura 27: Travessa Antilhas, 33



Fonte: Acervo família Sambrano

A partir dos comentários de uma das primeiras moradoras e de outra entrevistada sobre o loteamento, se comprova o período de ocupação e os laços importantes de serem citados e que rememoram os primeiros habitantes:

Quando eu e o Henri viemos pra cá, em 1956, que eu lembro, tinha umas 60 casas [...]. Lembro que já tinha casas na Caracas e na Paulo Bento Lobato aquelas construções que era igual a minha.
 A vinda foi por causa das Tintas Renner. Ele já trabalhava no Renner do Navegantes. Todos do Renner vieram dos Navegantes.
 No início tinha dificuldade de água aqui... e condução... só passava ônibus lá...,lá na faixa, a Assis Brasil. Tinha que caminhar até lá.
 Luz eu não lembro... mas, à noite a gente estranhava porque era muito deserto e escuro e tinha barulho de sapo!!! ...muito barulho de sapo e eu tinha medo..., porque custou a ter luz nas ruas! (STEIN, 2019) 82 anos

Os elementos físicos e os laços afetivos estão intimamente ligados à população do bairro, relata Souza (1987), e isso se comprova no depoimento de uma das entrevistadas, que nos trazem memórias tristes e alegres do tempo em que o bairro surgia:

Meus pais foram residir no Lindóia em 1953. Eu nasci em 1954. Naquele tempo a gente brincava na rua, carrinho de lomba, taco na praça, vivia com os dedos machucados... risadas
 Andar na carroça do leiteiro... ele nunca queria nos levar, porque era uma piizada.
 Saí do bairro em 1973, quando tinha 13 anos. A mãe morreu e o pai vendeu a casa!... Foi muito triste... Muito difícil a mudança... Todos os meus amigos...que são meus amigos até hoje, foi muito difícil a mudança.
 (MAGALHÃES, 2019) 64 anos

Assim, compreendemos a partir das falas dos entrevistados e da visualização das construções ainda existentes, a memória, que no conceito de Pomian (2000, p.508) é “[...] igualmente a capacidade [...] de ressuscitar as impressões ou os sentimentos já vividos ou de descrevê-los oralmente [...] os acontecimentos vistos ou observados no passado”

Na figura 29 abaixo, temos a vista do bairro de seu ponto mais alto, da Rua Paulo Bento Lobato, de onde se avistava todo casario que ficava abaixo, até a residência que aparece em destaque na figura 28 e que está, ao fundo na figura 29, e como todo resto ao redor era terreno vazio.

Figura 28: Rua Praça Libaneza, 113



Fonte: Acervo de Leonel Friedrich

Figura 29: Rua Paulo Bento Lobato



Fonte: Acervo de Rolf Dieter Schmidt

Quando cada morador trazia suas lembranças em seus depoimentos, era possível perceber a satisfação em relembrar o bairro, os acontecimentos e momentos nele vividos e compartilhados com os outros moradores.

[...] quando nós fomos morar lá, o bairro era completamente deserto...muito campo, o tambo, éramos poucos moradores e existiam famílias de bugres que moravam embaixo da figueira da La Paz. Nem todas as ruas tinham paralelepípedo, nem iluminação pública e com problemas sérios de locomoção. Para pegarmos um ônibus tínhamos que ir a pé até a Avenida Assis Brasil! (STUMPF, 2019) 65 anos

E como nos narra Bosi (2003, p.75): “O bairro é uma totalidade estruturada, comum a todos, que se vai percebendo pouco a pouco, e que nos traz um sentido de identidade”.

Apesar das dificuldades na infraestrutura do bairro, alguns moradores eram atraídos, exatamente, por isso, mesmo anos depois. O Sr. Luiz Bandeira de Oliveira, de 84 anos, advogado, que foi para o bairro em 1964, para residir na Avenida La Paz, nº 7, relata:

As recordações sobre o bairro são inúmeras. Quando morava lá na Bogotá, a minha esposa e eu vínhamos passear, caminhar no bairro... que já tinha casas muito bonitas e eu dizia: um dia vamos morar no bairro. E uma coisa me atraía muito! Não havia casas de comércio, nem ônibus, nem ponto de táxi, nem buteco...uma tranquilidade!!!! Outra atração: os pic-nics que minha esposa e os filhos faziam nas praças! O que eu mais prezava: nos meses de verão o bairro ficava (e ainda fica), deserto!!! Que silêncio, que tranquilidade, que paz!!! O canto dos pássaros, essa vegetação ao redor...muitas eu plantei, ajudei a plantar várias árvores e o canteiro da frente da minha casa, adotei. Pelo cuidado com a praça, os canteiros e essa vegetação abundante!!! me apelidaram de “Bwana”!!!!

A distância entre as casas...a vegetação entre elas... total privacidade.
(OLIVEIRA, 2019) 84 anos

Em torno de 1964, com a construção da Revenda de Automóveis Volkswagen Carro do Povo (Figura 30), na Avenida Assis Brasil, 3622, tornava-se mais fácil sinalizar o acesso ao bairro:

Vai sempre pela Assis Brasil e depois da Matarazzo, quando avistar a Carro do Povo, dobra à esquerda, que é o início da Avenida Panamericana, vai sempre e quando encontrar a Praça, chegou no bairro!
(TRINDADE, 2019) 66 anos

Nos depoimentos dos entrevistados, o que só é inteligível para aquele grupo, onde cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido. Como a descrição acima.

Figura 30: Carro do Povo - Revenda de Automóveis Volkswagen - 1964
Avenida Assis Brasil, 3622, esquina Avenida Panamericana.



Fonte: Acervo de Leonel Friedrich

O bairro ficava e continuava no “caminho que levava às praias”, mas a partir da existência da Carro do Povo, a identificação de acesso, se tornava mais fácil.

3.2 Nasce o Lindóia Tênis Clube

Eram muitos os pontos de encontro do grupo de moradores do Lindóia. Às vezes o pessoal se reunia sob uma das figueiras que ficava na Avenida Panamericana (Figura 31) – lá havia um "campinho" de futebol - ou na da Travessa Antilhas. Outras vezes, o grupo se reunia na calçada do sobrado da esquina da Praça Libaneza com a Avenida Quito, onde ficava o armazém do “Seu Romeu” e que mais tarde veio a ser o do “Seu Alcides”, onde aconteciam os churrascos e as festas de São João. Como as reuniões aconteciam em lugares diferentes, surgiu a necessidade por parte do grupo de se ter um local onde pudessem reunir as famílias para confraternizar.

Figura 31: Figueira da Avenida Panamericana e “campinho” de futebol



Fonte: Acervo de Leonel Friedrich

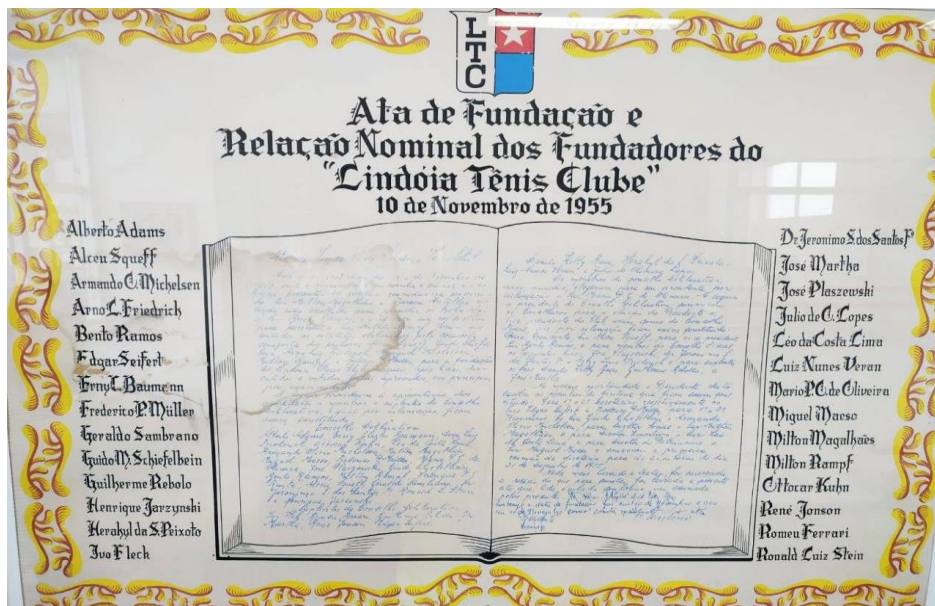
Sim, um lugar mais protegido das intempéries características do sul, pois não era com qualquer clima que os encontros poderiam acontecer ao ar livre. E onde pudesse haver mais atividades e a família toda pudesse usufruir.

Como bem retrata Leite (1998, p.10), sobre esses laços entre as pessoas “[...] essa relação de afetividade que os indivíduos desenvolvem com o lugar só ocorre

em virtude de estes só se voltarem para ele munidos de interesses predeterminados, ou melhor, dotados de uma intencionalidade”.

Em um dos memoráveis encontros do grupo, com vinte e oito pessoas presentes, desta vez na casa de Milton Magalhães, localizada na Travessa Antilhas nº 110, no dia 10 de novembro de 1955, foi instituída a Ata de Fundação e Relação Nominal dos Fundadores do Lindóia Tênis Clube (Figura 33). Neste dia foi definida também, a diretoria responsável para levar adiante o projeto. Assim, a história do Clube se confunde com o próprio desenvolvimento do Bairro Jardim Lindóia.

Figura 32: Quadro Emoldurado da Ata de Fundação do Lindóia Tênis Clube



Fonte: Lindóia Tênis Clube

Para concretizar o sonho dos moradores, o caminho a percorrer seria árduo, a começar pela falta de um terreno onde construir o clube. Então, eis que entra em cena, mais uma vez, o empresário Arno Friedrich com a doação de uma área do loteamento para a construção do Clube. E com o intuito de contratar projetista e arrecadar fundos para construção, muitas festas foram realizadas, organizadas pelo então, animado diretor social, recém eleito: Milton Magalhães.

O empenho do grupo foi grande também em busca de novos sócios. Na época, início da década de 1950, todos os casais eram muito jovens, ainda sem filhos, ou com um ou dois filhos pequenos, o que propiciava o engajamento deles em atividades de lazer e esporte.

De acordo com o Boletim Comemorativo dos 35 anos do Clube, destaca-se a seguinte linha do tempo:

- 10 de agosto de 1956 – É doado o terreno;
- 19 de outubro de 1956 – Por sugestão de Armando Michelsen, foi aprovada pela diretoria, a compra de um depósito de propriedade de Henrique Runte, por 15 mil cruzeiros, para armazenar os futuros materiais de construção do clube;
- 09 de novembro de 1956 – Foi contratado John Wihan, como construtor da sede, fiscal de obra e fornecedor da placa. Custo: 40 mil cruzeiros;
- 23 de novembro de 1956 – Conselho Deliberativo autoriza a construção da sede;
- 28 de dezembro de 1956 – Fica definida a data de janeiro de 1957 para início das obras;
- 29 de abril de 1957 – Arno Friedrich faz, através do Banco da Província, um empréstimo de 300 mil cruzeiros para a construção da sede;
- 06 de dezembro de 1957 – Arno Friedrich assume a direção do Lindóia Tênis Clube por um período de quatro anos;
- 20 de junho de 1958 - A diretoria realizava a sua primeira reunião, na sala onde funcionaria mais tarde a secretaria do Clube.
- 20 de janeiro de 1959 – Inicia uma campanha para angariar mais 300 sócios proprietários (a 15 mil cruzeiros o título) para construção da piscina conforme projeto de Erwin Brandt²².

Em 30 de junho de 1959, Erwin Brandt, o projetista do Clube, recebe um título de sócio proprietário: “em virtude dos valiosos serviços que já tinha e continuaria prestando ao Lindóia Tênis Clube”. A doação foi feita “mediante encontro de contas, conforme recibo em poder da Tesouraria”, diz a ata da reunião daquela data.

Na figura 33, imagem do prédio do Lindóia Tênis Clube finalizado em 1962.

²² Erwin Brandt – Arquiteto responsável pelo projeto do Lindóia Tênis Clube. Outros projetos dele em Porto Alegre: Edifício Caiçara – Rua Fernando Machado, 929, em 1938; Casa noturna “Mil e Uma Noites”, na Vila Assunção, em 1949; Santuário Santa Rita de Cássia, no Guarujá, em 1950 (projeto depois modificado pelo Pe. Froner); Igreja da Ressurreição do Colégio Anchieta.

Figura 33: Fachada do Prédio do Lindóia Tênis Clube



Fonte: Boletim Informativo do Lindóia Tênis Clube de 1962

Nas figuras 34 e 35 abaixo, etapas da construção do clube.

Figura 34: Construção inicial da sede do clube



Fonte: Acervo de Leonel Friedrich

Figura 35: Edifício no 2º pavimento



Fonte: Acervo de Leonel Friedrich

Em poucos anos, conforme linha do tempo, a comunidade do bairro se empenhou das mais variadas formas para viabilizar a construção da sede do clube. Foram festas juninas, gincanas e muitos chás beneficentes. Em seis anos, de 1957 à 1962, o clube foi construído.

3.3 As Festas Juninas

A primeira festa organizada pelo grupo de moradores foi a Festa Junina. Naqueles primeiros anos, eram realizadas na rua, na calçada do prédio da esquina da Praça Libaneza com Avenida Quito, ou nos terrenos baldios das figueiras da Travessa Antilhas ou da Panamericana.

Muitas assim se repetiram até no ano de 1958, no dia 22 de junho, conseguiram realizar a primeira festa na sede do clube em construção, mas que já possuía as paredes e a primeira laje. Uma festa junina, que contou com o cortejo de doze carretas de boi, todas ornamentadas, que conseguiram emprestadas em vários pontos comerciais da Avenida Assis Brasil e Avenida Baltazar de Oliveira Garcia. O cortejo veio acompanhado pela Cavalaria da Brigada Militar tocando clarins, até a sede, onde houve o casamento na roça entre Milton e Doraci Magalhães (D. Ceci), figuras 36 a 39.

Há relatos também que esta festa foi filmada pela então Companhia Leopoldis Films²³, contratada por Arno Friedrich.

Figura 36 – Milton e Ceci Magalhães



Fonte: Acervo do Lindóia Tênis Clube

Figura 38: Casal não identificado



Fonte: Acervo do Lindóia Tênis Clube

Figura 37: Alceu Squeff



Fonte: Acervo do Lindóia Tênis Clube

Figura 39: Jerônimo e Sonia dos Santos



Fonte: Acervo do Lindóia Tênis Clube

²³ Leopoldis Films era uma companhia cinematográfica instalada no Estado e que tem rico acervo sobre a vida local.

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/88679/000913159.pdf?sequence=1&isAllowed=y>,

Pelos relatos dos moradores e imagens, percebe-se a alegria e a satisfação de reunir-se para festejos.

A primeira, os moradores organizaram na calçada do armazém da esquina da Quito com a Praça Libaneza. Comidas juninas e quentão preparados nas cozinhas das casas dos moradores mais próximos. Todos os convidados estavam vestidos com trajes típicos. E durante a festa começou a choviscar!!! O Guido (marido de D.Olinda) buscou lonas numa transportadora para fazer uma cobertura. Estava chovendo, mas dê-lhe baile. (SCHIEFELBEIN, 2015) 86 anos.

O envolvimento daqueles que na época participavam tanto dos preparativos como dos festejos era intenso. Havia o espírito comunitário e o comprometimento dos participantes em estarem caracterizados, inclusive os amigos convidados de outros bairros mais próximos, como se vê na figura 40.

Figura 40: Grupo do bairro em uma das festas juninas



Fonte: Acervo de Geraldo Sambrano

Um dos moradores recorda:

Das festas de São João...lembro de ajudar a fazer a fogueira, catando e arrumando galhos secos, madeira velha e pneus... (SQUEFF, 2019) 66 anos

A criançada, filhos daqueles jovens casais de moradores, que naquele local foram residir, também participava com empolgação nos preparativos.

Na segunda festa junina do bairro já se aproveitou uma estrutura inicial do prédio do clube para instalar as barraquinhas...
(SCHIEFELBEIN, 2015) 86 anos.

Quando anos após, já iniciadas a construção do futuro clube, as festas juninas passaram a ser realizadas no local que já possuía uma laje servindo como cobertura.

Eu curtia muito as festas de São João que o seu Alceu Squeff organizava pra todo bairro. (TRINDADE, 2019) 66 anos

Alguns relatos denotam o quanto algumas lembranças são marcantes.

..e as festas juninas na esquina do armazém que o seu Alceu fazia no dia de São Pedro pra comemorar o aniversário do pai dele!!!! Como eram boas as festas juninas!!! (MAGALHÃES, 2019) 64 anos

Mesmo a festa junina oficial sendo realizada no clube em construção, as festas na calçada do sobrado da esquina da Praça Libaneza com Avenida Quito continuavam e eram a “curtição” da gurizada.

3.4 As Gincanas

Gincana é um tipo de competição lúdica, que tem o objetivo mais de promover divertimento e confraternização entre os participantes do que efetivamente comprovar quem são os melhores na disputa. No caso da comunidade do bairro Jardim Lindóia, seria para angariar fundos para a construção do clube, além de um divertimento saudável em que pais e filhos brincavam juntos.

Uma gincana consiste num conjunto de provas divertidas onde as equipes disputam entre si estipulando-se então vencedores de cada prova. Ao final da gincana, a equipe que vencer mais provas ou conquistar mais pontos é declarada a equipe vencedora.

Uma moradora destaca o real espírito das gincanas, além de trazer muita diversão e entretenimento

Para juntar dinheiro e dar início às obras do clube, a saída das famílias era fazer de tudo, inclusive gincanas. (SCHIEFELBEIN, 2015) 86 anos.

Como em geral as gincanas servem mais para divertir e confraternizar do que como uma competição propriamente dita, certo espírito de amizade tende a prevalecer.

É o que fica demonstrado nas figuras 41 e 42 e no depoimento abaixo:

As gincanas..., acho que foi a D. Gládis, que organizou... acho que a primeira foi em 1956 mesmo porque eu ainda não tinha filhos. Ela começava na Avenida Panamericana e era ao redor da praça. (STEIN, 2019) 82 anos

Figura 41: Carros alinhados para largada da gincana na Avenida Panamericana



Fonte: Acervo de Leonel Friedrich

Figura 42: Chegada de um participante



Fonte: Acervo Lindóia Tênis Clube

Não se tem informações sobre o ano em que começaram as gincanas no bairro, mas conforme relato de uma moradora (Lair Stein), é possível que tenha sido em 1956 e sabe-se que se repetiram por alguns anos ou até 1960 (data registrada em uma medalha na figura 45). Alberti consegue destacar conceitualmente como a gincana se encaixa no espírito de identidade de uma comunidade.

A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela é o resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de experiência, isto é, de identidade. (ALBERTI, 2005, p.167)

Algumas das competições podem ser conferidas nas figuras 43 a 48.

Figura 43: Tarefa da gincana



Fonte: Acervo Lindóia Tênis Clube

Figura 44: Tarefa da gincana



Fonte: Acervo da Família Stein

Figura 45: Medalha da Gincana de 1960 ganha pelo casal Stein



Fonte: Acervo da Família Stein

Figura 46: Milton Magalhães e filha



Fonte: Acervo de Leonel Friedrich

Figura 47: Olinda Schiefelbein em uma das tarefas



Fonte: Acervo Mara Schiefelbein

Figura 48: Gládis Friedrich e o filho em outra tarefa



Fonte: Acervo de Leonel Friedrich

A comunidade se reunia em atividades competitivas, mas que na realidade eram uma grande brincadeira nas ruas do bairro. As gincanas perduraram muitos anos, alegrando a comunidade, como podemos visualizar nas figuras 49 a 51.

Figura 49: Tarefa: Corrida do saco



Fonte: Acervo Lindóia Tênis Clube

Figura 50: Tarefa: Estoura balão



Fonte: Acervo de Leonel Friedrich

Figura 51: Tarefa da cancela



Fonte: Acervo de Leonel Friedrich

Figura 52: Müller e filha na gincana



Fonte: Acervo Lindóia Tênis Clube

Um dos antigos moradores relembra detalhe:

Para as gincanas que eram organizadas na Panamericana, nos reuníamos no quiosque, que era uma casinha de madeira verde, que tinha na Praça Libaneza quase esquina da Montreal. (SQUEFF, 2019) 66 anos

Outra modalidade criada para que todos pudessem participar ativamente, foram as provas da gurizada com suas bicicletas, como se pode comprovar na figura 53.

Figura 53: Bicicletas na gincana



Fonte: Acervo Lindóia Tênis Clube

3.5 Nossa Infância no Bairro

As festas juninas e as gincanas eram organizadas pelos adultos, nossos pais, e para eles se divertirem. Os filhos maiores, até poderiam participar, quando acompanhados por eles, mas nos dias de semana, o bairro estava sob o domínio da pi lazada. Neste subcapítulo, os relatos serão das brincadeiras da gurizada que viviam no bairro e brincavam pelas ruas e na Praça Libaneza, devido à tranqüilidade do local e ao pouco trânsito de veículos na época, algo que hoje torna-se impossível.

As figueiras - as grandes "estrelas" do bairro - faziam parte de nossas brincadeiras. Eram nossos esconderijos (quando a brincadeira era de "polícia e ladrão"²⁴) ou "nossas casas". A figueira que ficava mais distante, na Avenida La Paz, a última rua do loteamento, antes do cercado de divisa, e não se ia muito para lá por causa dos bugres. Muito mais tarde, quando já não havia bugres no bairro e a gurizada, já era adolescente, a figueira da Avenida La Paz, começou a ser mais visitada e nas festas juninas era o local onde se realizavam os casamentos na roça²⁵. No entanto, as festas da gurizada nunca se igualaram as que foram organizadas por seus pais, aqueles primeiros moradores!

Os terrenos baldios eram "desbravados" pela turminha, com cuidado, por causa das cobras verdes e rosetas (e, como havia rosetas!!!!). Era onde

²⁴ Brincadeira infanto-juvenil da Cultura Popular Brasileira que consiste num grupo de "policiais" e outro de "ladrões". Os ladrões fogem e a polícia tenta capturá-los em um tempo estipulado no início da brincadeira.

²⁵ "Casamento na roça" – brincadeira típica das festas juninas que consiste em ter uma noiva caipira, desdentada, feia e grávida onde os pais obrigam o noivo que estava bêbado e havia tentado fugir e é trazido a força pelo delegado. Depois do casório começam as danças (a quadrilha).

brincávamos de acampamento com barracas de lona verde dos pais de nossos amigos, próximo às vertentes, que tinham "proprietários" entre a turma. Excursões pelos matos para colher pitangas, lá para os lados da "faixa" (como nos referíamos à Avenida Assis Brasil), onde havia outra figueira (hoje Praça Ponaim), em que cada "piá" com sua latinha, só poderia ir se fosse acompanhado com uma "mãe". Na Praça Libaneza: pescarias no laguinho, balanço com os galhos dos "salgueiros-chorões", que um dia existiram ao seu redor, jogo de "cela²⁶", de "taco²⁷" e bolinha de gude²⁸. Uma "voltinha" na carroça do leiteiro, quando ele cedia aos apelos da turma e quando a fome batia, no meio das brincadeiras, esperar o padeiro entregar o pão no meio da tarde, também de carroça, casa por casa.

De acordo com Halbwachs (2006, p.99) "A lembrança é a sobrevivência do passado". E, são estas lembranças dos moradores, que nos levam a compreender melhor como tudo se dava.

Foram anos felizes aqueles da nossa infância no bairro. Muita liberdade, muitas invenções, muitas brincadeiras e criatividade! O bairro era todo nosso! Um mundo!

Lembro das corridas de bicicleta na praça, inclusive à noite!; dos jogos de caçador de tardezinha na frente da tua casa... entre outras tantas lembranças...não tenho nenhuma foto da nossa época de infância...

O que lembro era dos jogos na praça, que eram marcantes, como: "cela", "taco", bolinha de gude, soltar pandorga! Uma vez... eu fiz uma pandorga feita com a cortina recém confeccionada pela minha mãe, para um armário da despensa... risadas; jogar pião, futebol... assar lingüiça espetada num arame, com fogueira de jornal torcido, fazer funda (bodoque), brincar de autorama na super pista na casa do Dr. Jerônimo; ficar as madrugadas sentados na esquina do armazém com os amigos...

...andar a cavalo! Eu tinha um e o meu irmão outro. A gente ia lá pro banhado, onde era plantado arroz...o banhado era longe, bem depois da cerca de arame farpado, prá lá de onde fica a Sertório hoje. Tinha valor para

²⁶ "Cela" ou "Queimada": Jogo de rua. Dois grupos de jogadores separados em um campo delimitado dividido em dois. Faça um sorteio para ver qual dos times começará com a bola. Um jogador do time sorteado deve arremessar a bola contra o adversário, com intuito de acertar alguma parte do corpo da pessoa. A pessoa que for queimada deve ir para trás da linha desenhada no final do campo. Assim, sempre que a bola passar essa linha, ela poderá pegá-la e arremessar no time que a queimou. Quem queimar o outro time inteiro primeiro ganha o jogo.

²⁷ As equipes são formadas por 2 integrantes, ficando um de cada equipe junto a "cela". Enquanto uma equipe está com o taco, a outra fica com a bola. O objetivo do jogo é cruzar (ou bater) os tacos. A equipe que bater os tacos na quantidade pré-estabelecida primeiro ganha o jogo, mas para isso tem que rebater a bola arremessada pela equipe adversária, que tem o objetivo de derrubar a cela. Quando a cela é derrubada a equipe que está com a bola passa a ficar com o taco.

²⁸ "Bolo de gude": Usada em jogos infantis é uma pequena bola de vidro maciço, pedra ou metal, que pode ser translúcida, manchada ou intensamente colorida, de tamanho variável. O jogo consiste em um círculo desenhado no chão, onde os jogadores devem, com um impulso do polegar, jogar a bolinha. Os jogadores seguintes devem acertar a bolinha, e se conseguirem retirá-la do círculo, elas se tornam suas. Vence aquele que ficar com as bolinhas de seus companheiros

reter a água e eram fundos e a gente atravessava montado nos cavalos...tinha jacaré e a gente tinha medo...mas a brincadeira era de "Bonanza" e de caubói!!!! Eu adorava laçar todo tipo de gado, cavalos... e problema era que normalmente iam embora com minhas cordinhas de cisal...risadas (SQUEFF, 2019) 66 anos

Lembranças... de um passado que seria bom reviver, como não é possível, então, é bom lembrar.

Lembro de muitas coisas...todas as brincadeiras daquela época: jogar taco, jogar cela, bolinha de gude, jogar pião...na pracinha ou em qualquer parte do bairro, nos muros defronte as casas, passar anel!....risadas.. Tomar banho no laguinho e das pescarias... O Dr. Jerônimo trazia uns peixinhos e largava no lago... E a gente pescava!!!...muitas risadas...
Lembro de todos que moravam na minha rua... na Caracas...
Ah! Lembro das festas também, ... Curtia muito as festas...as festas de São João que o seu Alceu promovia pra todo bairro!!! Lembra que eu era o único que conseguia subir no pau de sebo?
(TRINDADE, 2019) 66 anos

A infância vivida neste local e compartilhada com todos aqueles amigos, nos traz lembranças de dias tão felizes, que nos faz levar para a vida, uma bagagem leve e rica, principalmente quando nos reencontramos, e todos voltamos àqueles tempos.

3.6 Corridas de Bicicleta na Praça

As corridas de bicicleta, especificamente, na praça, começaram a acontecer no bairro quando a gurizada passava da infância para a adolescência, ou seja, as atividades de lazer já eram outras. O clube já estava pronto e era o ponto de encontro durante o dia na época de férias. A grande atração eram as piscinas, os jogos nas quadras de vôlei, futebol e tênis do clube e o ping-pong. Atividades mais competitivas e os encontros no clube.

Sobre como surgiram as corridas de bicicletas à noite, na praça, Henrique Sambrano, 66 anos, nascido em 1952, filho de um dos primeiros casais de moradores – Geraldo e Edy Sambrano, que foram residir no bairro em 1953, nos relata oral e graficamente em suas aquarelas (figuras 54 à 58), muitos anos após, suas marcantes lembranças das corridas de bicicleta na Praça Libaneza.

As corridas ocorreram nos anos de 1964/1965. A origem do início dessas corridas era porque o uso de bicicletas era muito comum na nossa adolescência e era o meio de transporte adotado pela grande maioria da gurizada do Lindóia. Quase todos tinham uma bicicleta. Nós brincávamos de pegar com as bicicletas, ou seja, ao invés de correr a pé, fazíamos isso em cima da bicicleta. Assim, fomos pegando muita habilidade e domínio com a bicicleta.

Representação das Corridas de Bicicletas em Aquarela.

Figura 54: Início das corridas – largada



Fonte: Henrique Sambrano/2018

Figura 55: Corredor pronto para largar



Fonte: Henrique Sambrano/2018

Foi nessa época que um cara da turma, chamado Eni, que morava na Rua Caracas, teve a idéia de fundar um "Clube das Bicicletas". Elaborou uma carteirinha de sócio e havia mensalidade, com o objetivo de organizar corridas de bicicletas na Praça Libaneza. As reuniões do clube aconteciam uma vez por mês, no quiosque que ficava na esquina da Praça Libaneza quase com Avenida Montreal. Invariavelmente, acabavam em bagunça e o Eni, por ser mais velho e calmo, amenizava. Graças à organização deste amigo, as corridas se realizavam.

Figura 56: Torcida pelas duplas



Fonte: Henrique Sambrano/2018

Figura 57: Ultrapassagem na reta



Fonte: Henrique Sambrano/2018

Nas lembranças desses episódios, no relato detalhado de uma das brincadeiras da turma do bairro por um participante anos depois, percebe-se o quanto, segundo Halbwachs (2006, p.4) “[...] é um fenômeno coletivo esta memória; a memória seria uma construção social, constituindo-se a partir das relações mantidas entre os indivíduos e grupos”.

Henrique Sambrano segue relatando:

As corridas iniciavam às 18h e terminavam às 20h. Sempre aos sábados. E havia outras regras: as bicicletas tinham que ter farol, pois a iluminação da praça era precária... e para amenizar este problema, se espalhava nos locais, onde aconteciam as ultrapassagens, latas de tinta com óleo e atava fogo; e tinham que ter um mecânico que "preparava" as bicicletas em uma garagem próxima.

As corridas eram de duplas, se formavam equipes, a nossa era Galgos Brancos e por duas vezes nossa equipe foi campeã.

Também eram convidados ciclistas de outros bairros, como do IAPI.

...Em uma das corridas, eu levei uma fechada no contorno do lago e fui acabar dentro do lago com bici e tudo.

As premiações aconteciam no domingo pela manhã já que as corridas eram no sábado à noite. Lembro também que os pais, com mesas de apoio ao redor do circuito, ajudavam a contar as voltas.

(SAMBRANO, 2019) 67 anos

Nas percepções de memória contada propostas por Bosi (2003), há uma íntima relação entre o ato de lembrar e a dimensão do fato recordado para o sujeito que conta suas lembranças.

3.7 Memórias do Lin e Reencontros

Muitas coisas mudaram nestes anos. O bairro cresceu. Outras ruas foram abertas e elas já não possuem mais nomes de cidades e muitos, muitos edifícios surgiram, inclusive no lugar onde havia casas. Muitas residências tornaram-se pontos comerciais, como clínicas médicas ou casas geriátricas, academias de ginástica, salões de beleza, escolas de línguas, pet shops, etc, o que torna impossível conhecer todos os moradores do bairro como ocorria nos anos 1970.

No entanto, muitos filhos e netos destes primeiros moradores e fundadores do bairro também continuaram morando por lá, e continuam se encontrando na primeira e principal praça criada no loteamento, a Praça Libaneza, para tomar chimarrão, fazer sua caminhada diária, levar seus filhos, netos ou animais de estimação para

brincar ou andar de balanço, apesar de hoje se encontrar em péssimo estado de conservação e ter problemas de segurança.

Nestes tempos de internet e redes sociais, onde todos podem se encontrar virtualmente, não importa a distância, ocorreu a criação do grupo "Amigos do Lin", no facebook, que tornou estes encontros mais freqüentes e possíveis, com troca de fotografias antigas e muita participação. Foi neste grupo, do qual faço parte, que em 1º de setembro de 2015 (apesar de minha pesquisa já ter se iniciado no final de março), expressei a minha intenção de fazer um registro fotográfico da área inicial do bairro e solicitei que vasculhassem seus guardados e de seus pais, atrás de fotografias antigas do bairro. Assim, os reencontros deixaram de ser virtuais. Em 24 de novembro de 2014, realizou-se a "1ª FAROFADA NA PRAÇA LIBANEZA", reencontro com êxito total, divertidíssimo, muitas e muitas fotos, abraços de amigos que não se viam há 10, 20 ou 30 anos, que entrou noite adentro, como se pode ver nas figuras 58 e 59, abaixo.

Figura 58: Amigos do Lin na 1ª farofada



Fonte: Amigos do Lin. www.facebook.com

Figura 59: E eles também foram



Fonte: Amigos do Lin. www.facebook.com

Este reencontro dos "Amigos do Lin" levou em consideração as relações das pessoas entre si e com este espaço comum: a velha e querida Praça Libaneza.

É, ainda, na fala de Halbwachs que buscamos inspiração para fundamentar nossas ideias.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque **jamais estamos sós**. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós porque sempre levamos conosco certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 1990, p.30)

Percebe-se na foto do grupo a comprovação do que diz Halbwachs na citação acima. A partir das relações mantidas entre os indivíduos, grupos e espaço, a

Aqui cabem alguns questionamentos: de que forma as transformações causadas pelo adensamento e pela verticalização alteram hábitos e relações de vizinhança? Qual a percepção do indivíduo, que vive atualmente em casas neste bairro, quando se depara com essa invasão de sua privacidade? Como os moradores lidam com o bloqueio da vista de suas janelas e pátios, o anonimato daquelas muitas pessoas que ali irão habitar e, muitas vezes, em nenhum momento trocar um cumprimento, um olhar, uma gentileza? Assim, além de provocar a descaracterização da paisagem imprimindo mudanças significativas relacionadas à apropriação e percepção dos espaços, pode afetar sua relação de pertencimento e de identidade com o meio urbano.

Lembrando Bosi (2003), uma memória se desenvolve a partir de laços de convivência. Convivência que se não for provocada, se torna difícil em sociedades em que as pessoas vivem com medo, até mesmo de se relacionar com os vizinhos, cada vez mais presas em suas individualidades, trancadas em suas casas ou protegidas em seus carros, pois, como afirma Costa (2009, p.11):

A construção de uma memória coletiva passa pela construção de um espaço coletivo (de convivência, de lutas e divergências); pela vivência de um tempo comum; pela constituição de um grupo. Essa construção é produto da relação entre o tempo, o espaço e o grupo, que caracteriza uma geração de moradores.

Estas mudanças, que ocorrem em cidades que se desenvolvem e crescem são irreversíveis. De alguma maneira, a comunidade usufrui deste desenvolvimento e das facilidades implantadas no bairro. Cabe à própria comunidade resgatar seus espaços de convivência e de lazer e preservar o bom ambiente do bairro para que não tenham que ficar reclusos em suas moradias, como se comprova na fala de um morador:

Hoje o bairro mudou muito!!... não tem mais nada a ver com o bairro da nossa época de piá e adolescência!!
 ...O sentimento que eu tenho em relação a todas essas mudanças,... é um sentimento de prisão! Todas as casas são gradeadas, com muros, sem jardins e muitos edifícios!!
 Virou um bairro comercial! Na nossa época só havia o armazém do seu Alcides!!!! (STUMPF, 2019) 65 anos

Esta é uma constatação do que ocorreu nos bairros de cidades em geral e não só na de Porto Alegre, mas este trabalho não trata sobre a análise específica desse processo sobre o bairro, apenas o sinaliza e questiona. Não há contrariedade, pois é necessário adaptação com estas várias mudanças, que ocorrem quando é preciso seguir outros rumos, quando o mundo mudou, quando aquele modelo de vida, de hábitos, de morar, não se adapta mais, em nome da segurança, das facilidades e do mercado imobiliário apesar de termos vivenciado outra realidade. Deve ser um sentimento de perda, que todos vivenciamos em algum momento por alguma coisa ou lugar e até do que fomos um dia.

O bairro mudou muito!! Pra pior! Muito comércio: pet, pet, pet; escolinha, escolinha, escolinha, em cada rua 2 ou 3 abrigos de velhos...salão de beleza, padarias, ônibus, lotação...na Rua Caracas, estacionamento de veículos nos dois lados da via e a altura dos condomínios??? muitas casas comerciais na Montreal...
 Hoje vivemos gradeados!
 O bairro perdeu muito de suas características!
 (OLIVEIRA, 2019) 84 anos

Abaixo, registro fotográfico de exemplos das alterações ocorridas nas ruas do bairro. Na figura 61, as primeiras mudanças que ocorreram na Rua Caracas próximo à Rua Gustavo Cramer: edifícios altos no lugar de grandes e antigas residências. Logo após, na figura 62 à 64, pode-se ver nas fotografias as mudanças no entorno da Praça Libaneza e ao longo da Avenida Panamericana, onde a grande maioria das residências foi transformada em casas comerciais.

Figura 61: Os primeiros edifícios na Rua Caracas



Fonte: Da autora, 2019

Figura 62: Parte de cima da Praça Libaneza



Fonte: Da autora, 2019

Figura 63: Praça Libaneza esquina Av.Montreal - casa demolida e construção da Pizza Hut



Fonte: Da autora, 2019

Figura 64: Praça Libaneza, residências em demolição



Fonte: Da autora, 2019

Algumas casas foram reformadas e/ou ampliadas e outras foram demolidas para construção de uma nova residência construída no terreno, maior e mais atual, como as da Travessa Antilhas, na figura 65 e 66, abaixo.

Figura 65: Travessa Antilhas, 110 esquina esquina Av. Quito na década 1950



Fonte: Acervo de Marelise Magalhães

Figura 66: Travessa Antilhas com Avenida Quito, anos após



Fonte: Da autora, 2019

Outras residências, no entanto, principalmente nas vias que fazem a ligação entre a Avenida Assis Brasil com a Avenida Sertório e que possuem fluxo mais intenso de veículos e onde circula, também, transporte coletivo, estão sendo demolidas para a construção de estabelecimentos comerciais, como podemos identificar nas figuras 67,68, 69 e 70.

Figura 67: Residência em demolição na Avenida Panamericana



Fonte: Da autora, 2019

Figura 68: Construção padrão Panvel no local da residência demolida



Fonte: Da autora, 2019

Figura 69: Outra vista da construção



Fonte: Da autora, 2019

Figura 70: Construção finalizada



Fonte: Da autora, 2019

Assim, como aconteceram transformações no bairro, o mesmo se deu com a ampliação do Clube, embora por motivos que não aqueles da mudança no bairro em geral.

O Lindóia Tênis Clube cresceu e mudou muito. Em alguns aspectos, certamente para melhor, pela quantidade de atividades que proporciona não só aos associados, mas também à comunidade do entorno. É ótimo não ter que se afastar do bairro, ou ter que pegar o carro para se dirigir a algum lugar para fazer nosso esporte preferido e/ou outra atividade física.

Já, em relação aos acréscimos construtivos e algumas modificações funcionais na sua planta original e na sua fachada do clube, nota-se um certo descaso à concepção arquitetônica do prédio original, de linhas modernistas²⁹, bem

²⁹ Arquitetura Modernista - características do prédio: A valorização da simplicidade das formas orientava os projetos para a questão central: a funcionalidade, valorização das formas simples, integração dos espaços internos e externos; planta livre, simples e bem definida; marquise de acesso; janelas em fita.

de acordo com o tempo em que foi construído, os anos 1950, onde o refazer e alterar impôs-se sobre o conservar.

Podemos observar as alterações comparando as figuras 71 e 72, abaixo.

Figura 71: Sede original do Lindóia Tênis Clube



Fonte: Boletim de 1962

Figura 72: Entrada atual do Clube



Fonte: da autora, 2019

Apesar de não ser um prédio tombado e nem listado como um patrimônio cultural a ser preservado, sem dúvida o clube é um belo exemplar da arquitetura dos anos em que foi construído. Ele possuía e ainda possui, muito significado e simbologia para seus mais antigos moradores e fundadores.

Em relação ao acervo histórico e patrimonial do Lindóia Tênis Clube, aos registros fotográficos e à documentação, como por exemplo, a Ata de Fundação e as fotos do edifício original, solicitadas através de emails (Anexo A) para compor este trabalho, o que me foi disponibilizado ficou muito a dever. A ata foi disponibilizada em forma de quadro emoldurado e as fotografias do prédio, na época de sua construção e após sua conclusão, na primeira década dos anos de 1960, não existem.

A figura 71, acima, foi retirada de uma das Revistas do Clube Lindóia de meu acervo pessoal ou das cedidas por moradores antigos, quando souberam da intenção deste trabalho.

O registro das obras e alterações posteriores, ao prédio inicial, encontram-se abaixo, nas figuras 73,74 e 75.

Figura 73: Acesso principal sede original



Fonte: da autora, 2019

Figura 74: Alterações na fachada



Fonte: da autora, 2019

Figura 75: Alterações na fachada
(jardim frontal do clube vira
vaga para carros)



Fonte: da autora, 2019

Sinais dos tempos, desses tempos e do progresso? Certamente sim. Onde é preciso modernizar sempre e seguir últimas tendências e onde o que é antigo e tem história não tem valor.

Para Halbwachs (2006, p.7) “[...] quando a memória deixa de existir, isso significa que os laços sociais que a alimentavam – já não existem mais, ou seja, foi o próprio grupo, outrora cultivador dessa lembrança, que deixou de existir.”

É isso que percebo que aconteceu no bairro. E, efetivamente, aquele grupo de moradores e aquele bairro de outrora, já não existem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo que norteou o presente trabalho consistia em reconstruir a história da formação do Bairro Jardim Lindóia, localizado a zona norte de Porto Alegre, do início da década de 1950 até 1975, a partir das lembranças de seus primeiros moradores. Para tanto, pesquisou-se também, os caminhos que levavam até o bairro, ou seja, o crescimento e desenvolvimento daquela região, a partir da Avenida Assis Brasil, devido à transferência e à implantação de várias indústrias originárias do 4º Distrito, no final da década de 1940.

No entanto, muitos de seus primeiros moradores já não se encontravam com vida, então, a pesquisa foi realizada com os filhos destes, que lá nasceram, ou foram morar nos seus primeiros anos de vida e lá cresceram. Mesmo que, poucos dos antigos moradores tenham sido encontrados para conversar com a pesquisadora sobre o assunto e, apesar de o grupo ser pequeno, o retorno - com a narração de suas vivências no bairro - foi rico, divertido e repleto de satisfação e sensibilidades em estar participando e podendo relembrar aqueles tempos vividos enquanto rememoravam e narravam suas histórias.

Em relação às entrevistas semiestruturadas (Apêndice A) o resultado foi, também, satisfatório, embora com certa limitação da amostra analisada e da impossibilidade de alguns possíveis entrevistados, inicialmente mapeados, participarem da coleta por não estarem mais vivos. Tendo em vista os aspectos observados, as reflexões acerca do problema levantado sobre o bairro e suas transformações também incluíram a vivência da autora.

Quanto aos objetivos específicos: identificar o quanto da parte mais antiga do bairro foi modificada; analisar o impacto das intervenções imobiliárias e as transformações do espaço; refletir a influência dessas intervenções nas relações da comunidade e sentimento de pertencimento, constatou-se que o desconforto e sentimento de perda desses espaços, com o impacto destas mudanças, não foi unânime.

A transformação urbana da localidade foi incentivada por sucessivos Planos Diretores, que permitiram a alteração de contextos urbanos consolidados e a demolição das antigas residências térreas para substituições por edifícios ou prédios comerciais, de diversificadas atividades: alimentares, saúde, imobiliárias, beleza, turismo, tudo vindo ao encontro do modo de vida da contemporaneidade – atarefado

e de tempo exíguo. Atualmente, o bairro apresenta ocupação heterogênea, mesclando áreas com edificações baixas, geralmente de uso residencial ou serviços, e edifícios de apartamentos residenciais.

A estrutura do bairro Jardim Lindóia configura-se por um traçado urbano regular implantado a partir do loteamento inicial. O uso do solo era, e ainda é, predominantemente, residencial. No entanto, hoje já existem outras atividades incorporadas como comércio e serviços, pois os Planos Diretores classificam essas atividades como permitidas para o bairro. Sua ocupação era tradicionalmente constituída por edificações térreas ou com dois pavimentos (sobrados), com recuos de jardim e laterais. Pouco a pouco, a partir de 1975, quando se dá a abertura da Avenida Panamericana para ligação com a Avenida Sertório, antigas residências foram sendo demolidas e substituídas por edifícios multifamiliares. Inicialmente foram surgindo edifícios de até quatro pavimentos, uma escala até compatível com a escala do bairro, mas que agora já chegam a dez pavimentos, muito diferente da proposta inicial.

Nestes quarenta e quatro anos, após 1975, as ruas internas e secundárias do bairro, sofreram algumas alterações funcionais e poucas alterações volumétricas, exceto a Rua Caracas que possui os edifícios mais altos. Já a Praça Libaneza e a Avenida Panamericana - vias com maior fluxo de veículos - tiveram as residências alteradas para colocação de letreiros e placas, pois sofreram maiores intervenções imobiliárias e transformações no espaço ao redor, em virtude de terem sido ou transformadas em pontos comerciais ou totalmente demolidas sendo substituídas por outros prédios comerciais como a Pizza Hut e a Farmácia Panvel.

Apesar deste eixo de grande fluxo de veículos, a partir das vias de ligação de outros bairros da capital na saída com Cachoeirinha, Gravataí e Free-way, ainda há ruas no bairro, que ficam entre as avenidas de passagem, que conservam seu silêncio e tranquilidade – valores importantes anteriormente - muito embora várias casas dessas ruas estejam desertas e abandonadas exibindo placas de venda, ou seja, esperando serem vendidas para quem sabe, a construção de mais um edifício ou em acordo com nova vocação: comércio e serviços.

Nas entrevistas com moradores do bairro ficaram claras as memórias que destacaram os laços de vizinhança e as convivências quando o ambiente contava somente com moradias de fim residencial, muito diferente do sentimento de hoje, quando já não é possível a convivência fora dos muros.

Quanto às pesquisas em fontes documentais, foram realizadas no Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo, no Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho, no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa e no Lindóia Tênis Clube. A coleta de dados e fotografias sobre o bairro foi feita em Boletins ou Revistas do Clube e em documentos e fotografias de moradores com os quais foram realizadas as entrevistas. Este foi um processo de certa dificuldade devido a escassez da documentação sobre o Bairro Jardim Lindóia, fator que denota o diferencial da pesquisa realizada, na tentativa de contar com completude a história do bairro e na necessidade da continuidade da pesquisa para que haja disponibilidade de registros desta fatia da história para a cidade.

Faz-se necessário deixar registrado aqui, também, a atual situação dos arquivos documentais e fotográficos do Lindóia Tênis Clube, que se encontram em precário estado de conservação. Em relação ao que foi disponibilizado, pode-se dizer que há uma grande perda de seu acervo histórico, documental e fotográfico e, conseqüentemente, de sua história, que é um patrimônio da coletividade do bairro. O Lindóia Tênis Clube já existe a sessenta e quatro anos e não tem como contar a sua história, ao menos, o quê e como apresentam para pesquisadores. Embora, acreditar já ser tarde para recuperação do que foi perdido, seria uma boa atitude da administração da instituição ter em seu quadro fixo de funcionários, um profissional qualificado e exclusivo, da área de Arquivologia ou de área afim, como História ou Museologia, que pudesse auxiliar na preservação de seu patrimônio.

Sim, nesses mais de 40 anos após 1975, o bairro mudou muito, como nós também mudamos; tornamo-nos adultos e tomamos outro rumo. Apesar da nostalgia de ver aquelas ruas tão desfiguradas, as casas de nossos antigos amigos (onde estarão eles?) abandonadas e com uma ou várias placas anunciando a venda virem abaixo ou já terem se tornado um edifício. E até o clube, que outrora tinha charme e estilo, nem ele é mais o mesmo, pois sofreu acréscimos e algumas modificações funcionais em sua planta original e em sua fachada, que acabaram por descaracterizá-lo.

De qualquer forma, ainda é possível reviver momentos em coletividade, com a união de moradores a quem interesse preservar um espaço onde seja possível ter uma vida mais em contato com a natureza, sem tanta poluição, caminhando pelas ruas pacatas do bairro ou sentando nas praças para tomar um chimarrão com amigos, pegar um sol, enquanto as crianças brincam nos balanços, jogam bola ou

andam de bicicleta sem que seja necessário ir para os grandes parques da cidade ou para suas casas de praia ou serra para usufruir bons momentos de lazer. Há ainda espaço para aqueles que vão passear com seus animais de estimação e para os que tem o hábito de fazer sua caminhada ao redor da praça.

Alguns questionam sobre a segurança. E, novamente, cabe aqui a ação da Associação do Bairro.

A intenção do trabalho foi, também, de contribuir para que com o conhecimento destas alterações e perdas, a comunidade se una em uma associação forte para a manutenção, ocupação e/ou criação de espaços para encontros coletivos e para suas famílias, amizades e laços sociais e estimular uma reflexão para a reapropriação destes espaços de lazer, principalmente a Praça Libaneza, e do próprio bairro, que é também seu patrimônio a partir dos testemunhos dos moradores entrevistados, fortalecendo identidades e o sentimento de pertencimento de forma a contribuir para o desenvolvimento da comunidade.

Acredito que se os sentimentos de pertencimento e identidade estivessem mais fortalecidos dentro das relações humanas ou físicas na comunidade, valores como respeito e cuidado com os espaços e equipamentos urbanos, também estariam mais presentes e talvez fosse possível os moradores se unirem por melhorias no bairro.

Resgatando os autores usados neste trabalho, como Pollak (1992), podemos dizer que: “a memória é essencial na percepção de si e dos outros. [...] daquilo que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência, ou seja, de identidade”.

Assim, apesar deste pesar, as memórias de dias ensolarados, de bons momentos de encontro com a turma na praça, no clube ou sentados nas calçadas ou no muro da casa de algum colega, vividos ali ainda permanecem e é nesse "lugar" que sempre quero voltar para me sentir "em férias", pois é onde me sinto em casa.

É importante destacar a contribuição de alguns autores pesquisados para respaldar esse trabalho na linha de pensamento que organizei: espaço, lugar, bairro, cidade. Iniciando com Santos (1979), que traz tanto conceitos sobre espaço e lugar, assim como Carlos (1996), que nos leva aos conceitos de bairro de Lefebvre (1975), De Certeau (1994), Mayol (1996) e Lynch (1997).

Nas leituras sobre memória e memória coletiva, Nora (1993), Le Goff (1992), Pollak (1992), Pomian (2000) e Halbwachs (2006), assim como Bosi (2003) e Alberti (1989), no quadro amplo sobre história oral, foi possível trazer as conceituações sobre histórias de vida, que foram fundamentais para a realização das entrevistas e para a construção dos resultados das pesquisas e das análises e conseqüentemente para o alcance dos objetivos.

Há muitas reflexões a serem feitas sobre o bairro, que nunca foi popular. Suas habitações já nasceram em alvenaria e suas ruas calçadas com paralelepípedos. O local não recebeu contingente de excluídos das estruturas sócio-econômicas, mas igualmente foi formado por trabalhadores, que no passado, para construí-lo tiveram que se unir e lutar por melhoramentos e reivindicar por infraestrutura e que, embora diferenciada como qualquer outra comunidade, também tem sua história e memórias.

Em relação à contribuição desse trabalho - a história e memória do bairro - acredito ser um registro, primeiramente ao bairro em questão, pois ainda não há documento que narre esta história e para que seus novos moradores conheçam a história do lugar onde vivem; é, também um tributo à cidade, por ser uma parte integrante da mesma.

Fundamentalmente, traz aporte ao Curso de Museologia, porque a memória, a história, não está só nos museus ou nos centros de referência, mas nas vivências das pessoas. O que preservamos nos museus são os objetos, mas eles só são importantes se tiverem memórias associadas. Além do assunto estar inserido na nova concepção do que é museu, segundo Mário Moutinho (1993, p.7): “uma entidade aberta sobre o meio, consciente da sua relação orgânica com o seu próprio contexto social, onde a revolução museológica se manifesta pela aparição de museus comunitários, museus ‘sans murs’, ecomuseus, museus itinerantes [...]”.

Finalizando, acredito terem sido muito significativas as trocas e recordações de vários momentos, vivências e manuseio de fotografias, que moradores e entrevistados guardam e ficaram como registro e lembrança, depois de tantos anos e para o futuro, confirmando seu valor como “documento”.

Considerando o exposto, este trabalho cumpriu com sua proposta, mas não encerra as questões levantadas, deixando em aberto pontos a serem analisados e aprofundados em possíveis futuras investigações, por outro pesquisador,

acrescendo-lhe outros elementos, olhares e sua continuidade do ponto em que parou.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **História Oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1989.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: FGV, 2005
- BOSI, Ecléa. **O Tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**/Ecléa Bosi. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CARLOS, A. F. A. **O Lugar no/do Mundo**. São Paulo. Hucitec, 1996.
- CERTEAU, M. De. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. **O espaço habitado**. ArtCultura n.9.jul.- dez.2004
- _____. GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2, morar,cozinhar**. 2 ed. Petrópolis: Vozes,1994.
- COSTA, Samira Lima da; MACIEL, Tania Maria de Freitas Barros. Os sentidos da comunidade: a memória de bairro e suas construções intergeracionais em estudos de comunidade.**Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 61,n. 1,p. 60-72,abr. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em:16 dez. 2018
- DEGANI, J. L. **Tradição e Modernidade no ciclo dos IAPIs: O conjunto residencial do Passo D'Areia e os projetos modernistas no contexto da habitação popular nos anos 40 e 50 no Brasil**. Dissertação. Porto Alegre: UNIRITER, 2003.
- DEROSSO, Simone Graciela. **Memória dos bairros: um projeto de política pública para a cidade de Porto Alegre**, 2014, 33 fls. Monografia do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional do Instituto de Psicologia da UFRGS, 2014
- FERNANDES, A. C. **Cemitérios Industriais: Contribuição para análise espacial da metrópole de Porto Alegre – RS/BRASIL**. Tese de doutorado em Geografia. Porto Alegre: UFRGS, 2014.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**. 3ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, S.P: Editora da Unicamp, 2003

LEFEBVRE, H. Barrio y vida de barrio. In: _____. **De lo rural a lo urbano**. 3. ed. Barcelona: Ediciones Península, 1975, p. 195-203.

LEITE, A. F. O Lugar: Duas Acepções Geográficas. **Anuário do Instituto de Geociências** – UFRJ, 21, p.9-20, 1998

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Lisboa: Edições 70, 1982.

MAGALHÃES, Marelise. Depoimento concedida sobre o Bairro Jardim Lindóia. [13 de abril de 2019]. Entrevistadora: LIMA, Gisela H. Porto Alegre. 1 gravação em mp3.

MAYOL, Pierre. Morar. In: CERTEAU, M.; GIARD, L.; Mayol: **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde. 2ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec - Abrasco, 1993.

MIRANDA, A. E. **Planos e projetos de expansão urbana industriais e operários em Porto Alegre (1935-1961)**. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

MIRANDA, A.E. Morar em "Locaes Futurosos": os loteamentos para industria e habitação em Porto Alegre 1930-1945, *Urbana*, v.6, n. 8, jun.2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8635315>. Acesso em: 10 de junho de 2019 [Dossiê: Cidade e Habitação na América Latina - CIEC/UNICAMP].

MOUTINHO, Mário C. Sobre o conceito de Museologia Social. In: *Cadernos de Museologia*. Ed. Ulusófona, Lisboa, 1993, v.1 n.1

NORA, Pierre. Entre a História e a Memória: A problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v.10, p.7-28. 1993.

_____. **Entre a Memória e a História** - A problemática dos lugares. Paris: Gallimard, 1984, v. 1. [Do original *Les Lieux de mémoire*].

OLIVEIRA, Luiz Bandeira. Depoimento concedida sobre o Bairro Jardim Lindóia. [06 de setembro de 2019]. Entrevistadora: LIMA, Gisela H. Porto Alegre.1 gravação em mp3.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Sobre Memória e Sociedade. **Revista USP**. São Paulo n.98, 2013. p.87-94

OTANI, Nilo; FIALHO, Francisco Antonio Pereira. **TCC: Métodos e técnicas**. 2ªed. rev. atual. Florianópolis: Visual Books, p.33-42, 2011.

PORTO ALEGRE (RS). **Lei nº 92/1948**. Dá denominação a vias públicas. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1948. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/cgi-bin/nph-brs?s1=000013824.DOCN.&l=20&u=/netahtml/sirel/simples.html&p=1&r=1&f=G&d=ato&SECT1=TEXT>. Acesso em: 11 jun. 2019.

PESAVENTO, S.J. **Memória da Indústria Gaúcha**: das origens à 1930. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS; FEEE 1987

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, p. 200-215, 1992.

_____. “Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989

POMIAN, Krzystof. Memória. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, V.42 (Sistemática), p.507-516, 2000.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção- 4ª Ed. 2ª reimpressão. São Paulo. Editora Universidade de São Paulo, 2006.

SCHIEFELBEIN, Olinda. Depoimento concedida sobre o Bairro Jardim Lindóia. [21 de março de 2015]. Entrevistadora: LIMA, Gisela H. Porto Alegre. 1 gravação em mp3.

SOUZA, Antonio C. M. Os tipos de povoamento. In: *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades, 1987.

SQUEFF, Pedro. Depoimento concedido sobre o Bairro Jardim Lindóia. [12 de maio de 2019].Entrevistadora: LIMA, Gisela H. Porto Alegre.1 gravação em mp3.

STEIN, Lair. Depoimento concedido sobre o Bairro Jardim Lindóia. [18 de maio de 2019].Entrevistadora: LIMA, Gisela H. Porto Alegre.1 gravação em mp3.

STUMPF, Renato. Depoimento concedido sobre o Bairro Jardim Lindóia. [21 de abril de 2019]. Entrevistadora: LIMA, Gisela H. Porto Alegre. 1 gravação em mp3.

TEIXEIRA, Thomás Nery da Silva. **Centralidade da Avenida Assis Brasil**: um estudo sobre a espacialização técnica ao longo do tempo na construção do espaço urbano. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

TRINDADE, Jorge.C. Depoimento concedido sobre o Bairro Jardim Lindóia. [02 de setembro de 2019].Entrevistadora: LIMA, Gisela H. Porto Alegre. 1 gravação em mp3

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Descrição do entrevistado

Nome: _____

Endereço no bairro: _____

1) Em que ano foi residir no bairro? _____

2) Ainda reside no bairro? _____

3) Em que ano se mudou do bairro (se a resposta acima for negativa)? _____

4) Motivos pelo qual deixou o bairro? _____

5) Qual é ou quais são suas recordações do bairro? _____

6) Como era o bairro quando foi morar nele? _____

7) Acha que o bairro mudou muito? _____

8) Qual o sentimento em relação às mudanças? _____

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da entrevista intitulada "*BAIRRO JARDIM LINDÓIA – Nossas memórias, nossas histórias*", conduzida por Gisela Hauberth de Lima, para seu Trabalho de Conclusão de Curso de Museologia que vem sendo realizado na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esta entrevista tem por objetivo: *Reconstruir a história da implantação do bairro a partir das memórias de seus moradores.*

Você foi selecionado(a) por ser morador antigo do bairro.

Sua participação não é remunerada e você não terá nenhuma despesa em participar.

Sua participação nesta entrevista consistirá em responder as perguntas que foram formuladas pela pesquisadora Gisela Lima, no local estabelecido por você, com a duração aproximada de 1h. Poderá estar presente no momento da entrevista, se for de sua preferência, alguém de sua família ou confiança. O conteúdo da entrevista será sobre a sua vivência no bairro nos anos 1950, 60 e 70 e informo que o registro será em áudio e após transcrito e impresso não havendo registro de vídeo ou imagem. Informo ainda que antes de sua publicação a entrevista será submetida a sua confirmação.

Se for de sua preferência, sua identidade será confidencial.

Caso você concorde em participar desta entrevista, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, do entrevistador responsável/coordenador.

Seguem os telefones e endereço eletrônico da responsável pela entrevista:

Gisela Hauberth de Lima;
E.mail: gi.hauberth@gmail.com;
Telefone: (51) 991 53 9630.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

Porto Alegre, 02 de abril de 2019.

Assinatura do(a) participante:

Assinatura do(a) entrevistador(a):

APÊNDICE C – QUADRO DOS AUTORES

AUTOR	TERMO	CONCEITO
BOSI	Memória oral	<p>“A memória oral é um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano”.</p> <p>“A memória oral, longe da unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza. Ela não pode atingir uma teoria da história nem pretender tal fato: ela ilustra o que chamamos hoje a História das Mentalidades, a História das Sensibilidades”.</p>
HALBWACHS	Memória coletiva	<p>A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados, [...] e é da combinação destes diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem</p>
LEFEBVRE	Bairro	<p>[...] É ele o maior dos pequenos grupos sociais e a menor dos grandes. A proximidade no espaço e no tempo substituem as distâncias sociais, espaciais e temporais</p>
LE GOFF	Memória	<p>“A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades”.</p>
LEITE	Pertencimento	<p>[...] essa relação de afetividade que os indivíduos desenvolvem com o lugar só ocorre em virtude de estes só se voltarem para ele munidos de interesses predeterminados, ou melhor, dotados de uma intencionalidade.</p>
PESAVENTO	REPRESENTAÇÕES COLETIVAS	<p>“Se o passado é um "lugar" distante, se ele nos chega como um "tempo não vivido", onde ocorreram fatos "não</p>

		observáveis", as vozes deste passado podem nos soar estranhas, e suas imagens podem figurar como incompreensíveis para a nossa contemporaneidade. Por vezes, há como que um elo perdido que perpetua os enigmas de um outro tempo. Resgatar representações coletivas antigas não é julgá-las com a aparelhagem mental do nosso século, mas sim tentar captar as sensibilidades passadas, cruzando aquelas representações entre si e com as práticas sociais correntes"
POLLAK	Memória, Identidade	Podemos dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 200-212)
POMIAN	Memória	"A memória é igualmente a capacidade [...] de ressucitar as impressões ou os sentimentos já vividos ou de descrever oralmente [...]os acontecimentos vistos ou observados no passado." "A memória se enraíza no concreto, no espaço, gesto, imagem e objeto."
SANTOS	Lugar	"[...] pode estar relacionado ao seu lar, perpassar à sua vizinhança, sua cidade, região e nação. [...] pode ser concebido enquanto memória, pois com a mobilidade, o lugar se torna como quadros de vida."

ANEXO 1 EMAILS ENCAMINHADOS AO LINDÓIA TÊNIS CLUBE

Gisela hauberth <gi.hauberth@gmail.com>

ter, 12 de
mar 23:16

para secretariaadministrativa

Boa tarde:

Me chamo Gisela Hauberth de Lima, sou estudante do Curso de Museologia da UFRGS, e estou realizando uma pesquisa sobre o surgimento Bairro Jardim Lindóia, no início década de 1950, suas primeiras ruas, seus primeiros moradores, a construção do Lindóia Tênis Clube, até em torno de 1975, quando se deu a ligação de sua avenida principal, Panamericana com a Av. Sertório e o bairro expandiu-se.

A Museologia não se ocupa apenas aos bens restritos aos museus de arte, ciências ou história, mas também a preservação e conservação da memória de bens móveis materiais e imateriais das mais variadas espécies e é a ciência da conservação da história mundial e da humanidade onde quer que se encontre.

Esta pesquisa será um registro sobre a Memória do Bairro Jardim Lindóia, a exemplo de como vários outros bairros de Porto Alegre já o fizeram.

Para tanto solicito acesso aos arquivos fotográficos do clube em busca de registros que talvez existam do início do bairro, pois na época as fotos não eram tão comuns e fáceis de serem realizadas.

Informo ainda que também estou realizando pesquisa no Arquivo Municipal de Porto Alegre, em Jornais e arquivos particulares dos moradores do bairro.

Agradeço antecipadamente, a atenção dispensada pelo tempo de acompanhamento e em me permitir a disponibilização deste material tão significativo e que será usado com a melhor intenção e cuidado.

Atenciosamente

Gisela Lima

A/C : Tairane

Gisela hauberth <gi.hauberth@gmail.com>

seg, 26 de
ago 15:23

para Comunicação

Boa tarde,

Em virtude de uma pesquisa sobre o bairro Jardim Lindóia, desde os primeiros anos de sua implantação, para uma monografia, venho solicitar fotos sobre o clube, já que faz parte dessa história.

Registros fotográficos do prédio do clube desde o início de sua construção até final da obra e de uns 10 ou 20 anos após.

Gostaria de saber também da possibilidade de obter uma foto da ata de fundação do clube e de fazer uma vista às dependências do mesmo, para fazer um registro do quanto foi ampliado, inclusive com a metragem quadrado do prédio antigo e do quanto foi ampliado.

Se, para isso for necessário contato com alguma outra pessoa da administração ou da diretoria, como a do patrimônio, solicito que me seja repassado esse contato.

Agradeço a gentileza

Gisela Hauberth Lima

A/C: Sra.Tairane

Caixa de entrada

x

Gisela hauberth <gi.hauberth@gmail.com>

qua, 4 de
set 17:11

para Comunicação

Boa tarde:

Na semana passada enviei e conversei com a Senhora por telefone, sobre a possibilidade de conseguir **cópia de fotos da sede do clube dos anos iniciais de sua fundação até uns 20 anos após e também uma cópia da 1ª Ata de Fundação do Clube.**

Portanto, gostaria de saber quando poderia ter acesso a essa solicitação, se me será enviado via email ou eu teria que ir buscá-la na secretaria do clube.

Agradeço a atenção

Gisela Hauberth de Lima

Comunicação - Lindóia Tênis Clube

qui, 5 de set
15:19

Boa tarde, tem como ser terça-feira que vem, dia 10/09 às 14h30min?

Tairane Cristina Silva
Comunicação
Fones: 51-30174200 / 30174400
E-mail: comunicacao@lindoiatc.com.br

Gisela hauberth <gi.hauberth@gmail.com>

qui, 5 de set
15:30

para Comunicação

Sim. Terça-feira, dia 10 às 14:30 estarei aí. Obrigada